

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

VICTORIA DINIZ HOSNI

***A PAIXÃO SEGUNDO G.H.: UM MERGULHO NAS PROFUNDEZAS DA ALMA***

SÃO PAULO

2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
CURSO DE PSICOLOGIA

VICTORIA DINIZ HOSNI

***A PAIXÃO SEGUNDO G.H.: UM MERGULHO NAS PROFUNDEZAS DA ALMA***

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, sob orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Maria Cecília de Vilhena Moraes

SÃO PAULO

2022

Por isso uma força me leva a cantar  
Por isso essa força estranha  
Por isso é que eu canto, não posso parar  
Por isso essa voz tamanha

(Caetano Veloso)

## **AGRADECIMENTOS**

Ciça, muito obrigada por me dar a liberdade de escrever do meu jeito. Eu com certeza teria levado qualquer outra orientadora à loucura.

VICTORIA DINIZ HOSNI. *A paixão segundo G.H.*: um mergulho na profundezas da alma. 2022, Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>ª</sup> Maria Cecília de Vilhena Moraes.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar, à luz da Psicologia Analítica, o livro *A paixão segundo G.H.*, escrito por Clarice Lispector. O trabalho descreve alguns conceitos centrais dentro da teoria junguiana, com base em um levantamento bibliográfico, que posteriormente fundamentam a análise simbólica do livro e são articulados com o enredo da narrativa. A análise demonstra que os conceitos da Psicologia Analítica se prestam a uma compreensão mais profunda da obra de Clarice Lispector e que a personagem G. H. cumpre o que promete no início da obra: conduzir os leitores ao encontro com eles mesmos.

**Palavras-chave:** psicologia analítica, literatura, Clarice Lispector, *A paixão segundo G.H.*, símbolo, persona, sombra, anima/animus, *Self*, individuação.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
1.1 G.H.....	7
1.2 Entre ratos e baratas.....	8
<b>2 OBJETIVO.....</b>	<b>9</b>
<b>3 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>11</b>
<b>4 MÉTODO.....</b>	<b>10</b>
<b>5 CONCEITOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....</b>	<b>11</b>
5.1 Ego.....	11
5.2 Inconsciente pessoal e coletivo.....	11
5.3 <i>Self</i> .....	12
5.4 Símbolo.....	12
5.5 Individuação e integração de polaridades.....	13
5.6 Persona e sombra.....	15
5.7 Anima/animus.....	18
<b>6 A PAIXÃO SEGUNDO G.H.....</b>	<b>20</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>

## I INTRODUÇÃO

Clarice Lispector. Uma das maiores escritoras brasileiras de todos os tempos. Suas experimentações com a linguagem, sua prosa intrincada que arrebatava pessoas por todo o mundo, sua personalidade marcante. Textos com enredos simples, sem grandes encadeamentos de ações, construídos em torno de mergulhos profundos nos abismos desconhecidos que constituem a geografia interna humana. Clarice Lispector. Como coloca Benjamin Moser (2016), escritor que produziu uma das biografias mais conhecidas da autora, Clarice é muito mais do que uma escritora. Ela é uma feiticeira, usa a palavra escrita como meio para lançar seus encantos. O impacto que causa em seus leitores costuma ser profundamente arrebatador. “Isso não é literatura, é bruxaria.” (MOSER, 2016, p.10).

De origem judia, Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920 e chegou ao Brasil por volta dos nove anos de idade. Ela causava estranhamento e fascínio por onde passava, carregando por toda a vida ares de estrangeira. Para além das origens em terras longínquas, o que causava estranhamento era sua maneira de enxergar o mundo, refletida em sua escrita intensa. Nas palavras dela própria, em entrevista concedida à TV Cultura em 1977, Clarice escrevia para poder respirar. E assim fez a vida inteira, publicando seu primeiro conto aos 19 anos, seu primeiro romance aos 23 e, mais tarde, adaptando-se à vida de esposa e de mãe, escrevendo sentada no sofá de casa com a máquina de escrever no colo. A cada instante de que dispunha, acendia um cigarro e punha-se de frente à máquina. Seguiu escrevendo e respirando até 1977, ano de sua morte.

A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana. Por ter descrito tanto de sua experiência íntima, ela podia ser convincentemente tudo para todo mundo, venerada por aqueles que encontravam em seu gênio expressivo um espelho da própria alma. Como ela disse, “eu sou vós mesmos”. (MOSER, 2017, p. 18)

Além de escritora, Clarice Lispector também era formada em direito. Foi na faculdade que conheceu seu marido, casando-se cedo e acompanhando o marido diplomata ao redor do mundo. Ela morou em tantos países diferentes que quase nunca se sentia em casa. A eterna estrangeira. Ficou vinte anos fora do Brasil, ao final dos quais separou-se do marido e voltou para o país com os dois filhos. Moser (2017) comenta que esse sentimento de não sentir que pertence a lugar algum aparece na obra da escritora através, sobretudo, da linguagem. Ela faz usos inesperados das palavras e pontuações, encadeando as frases de sua prosa de forma a construir um ritmo inusitado que ao mesmo tempo incomoda e hipnotiza os leitores.

Contribuindo, junto com a linguagem, para promover esse efeito nos leitores, há na escrita de Clarice Lispector uma qualidade mística que torna sua obra abstrata, extrapolando os limites da racionalidade e buscando acessar territórios desconhecidos. “Eu peço a vocês para não ouvirem só com o raciocínio porque, se vocês tentarem apenas raciocinar, tudo o que vai ser dito escapará ao entendimento.” (MOSER, 2017, p. 428)

Essa qualidade abstrata é especialmente perceptível no livro *A paixão segundo G.H.*, no qual a personagem principal, G.H., relata a transformação radical pela qual passou. G.H. extrapola todos os limites da linguagem e da consciência, mergulhando nos abismos mais profundos de si mesma e reconhecendo como parte de si territórios até então completamente desconhecidos. Ela olha para seu mundo interno e encontra o outro que habita em si mesma. Da primeira pessoa, “eu”, torna-se “ela”, terceira pessoa, transcendendo todas as barreiras que construiu em torno de si ao longo da vida e ampliando-se até o inimaginável.

### 1.1 G.H.

Como coloca Moser (2017), Clarice Lispector escreveu *A paixão segundo G.H.* em uma fase em que estava péssima. Ela não escrevia um romance há mais de sete anos e sentia a vida como algo intolerável, profundamente angustiada quanto à sua capacidade de escrever. Em seus registros dessa época, ela reconhece que estava em uma situação difícil, tanto em relação aos seus sentimentos consigo mesma quanto em relação à família. Depois de quase duas décadas fora do Brasil, ela finalmente retorna com os filhos, em 1959. Pouco depois disso, em 1964, publica *A paixão segundo G.H.* Ela escreveu o livro em apenas alguns meses, de um fôlego só, como se estivesse soltando um profundo suspiro há muito tempo contido. O resultado é uma de suas obras mais complexas e prestigiadas. O livro foge de tudo o que se espera de um romance. O enredo breve e simples é apenas a estrutura sobre a qual Clarice desenvolve as vivências internas avassaladoras da personagem.

G.H., com seu enredo breve, esboçado, é na verdade o clímax de uma longa busca pessoal. Pela primeira vez, Clarice escreve na primeira pessoa. E pela primeira vez ela capta a plena violência, a repugnância física, de seu encontro com Deus. (MOSER, 2017, p. 323)

Antes de qualquer outra coisa, Clarice abre o livro com um aviso: a leitura é para poucos, apenas aqueles de alma já formada serão capazes de encará-la, é preciso saber doar-se ao sofrimento que vem com toda grande transformação. “[...] a aproximação do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente - atravessando inclusive o oposto daquilo que se vai

aproximar.” (LISPECTOR, 2009, p.5). A partir desse aviso, dá início à jornada de G.H., para a qual o leitor é arrastado em turbilhão. G.H. entra no quarto da empregada e encontra uma barata. É esse o enredo. A partir disso, ela é lançada no processo sem volta de desfazer-se do que entendia de si mesma, precisando atravessar atos e sentimentos inumanos e repulsivos, doando-se ao sofrimento da transformação.

## 1.2 ENTRE RATOS E BARATAS

A barata, tão central nesse livro, também aparece em várias outras obras, sendo um símbolo recorrente na obra da autora. As baratas de Clarice, asquerosas e perturbadoras, despertam nas personagens impulsos agressivos que continuariam amordaçados se não tivessem sido trazidos à tona pelo confronto com as baratas. Mais importante ainda do que a recorrência específica da figura das baratas, é a situação pela qual as personagens passam ao ter que encarar aquilo que lhes é grotesco e incompreensível. G.H. depara-se com a barata e embarca em uma intensa viagem interior, reconhecendo em si aspectos que até então lhe eram absolutamente estrangeiros. No conto “Amor”, publicado no livro *Laços de Família*, o gatilho externo para o enfrentamento que a personagem faz de si mesma é um homem cego mascando chiclete. Em “Perdoando Deus”, conto do livro *Felicidade Clandestina*, o que acontece é muito próximo da experiência de G.H., mas tudo começa com um rato morto no meio da rua. Em “Águas do mundo”, também parte de *Felicidade Clandestina*, não há nada que cause nojo como uma barata ou rato, mas a personagem, sozinha na praia de madrugada, entra pouco a pouco no grande território desconhecido que é o mar e permite-se perder a si mesma nessa imensidão assustadora, assim como G.H. no quarto da empregada.

Estes são apenas alguns exemplos, mas a entrega ao desconhecido permeia toda a obra de Clarice Lispector. A partir dos mais diversos gatilhos, que muitas vezes envolvem elementos tão grotescos quanto baratas e ratos, as personagens de Clarice embarcam em jornadas rumo ao outro que habita nelas mesmas, fundindo-se a algo que transcende o humano, que transcende a lógica. Algo que G.H. chama, ao mesmo de tempo, de Deus e de nada. Algo intraduzível, mas que Clarice consegue, de alguma maneira, transmitir através de suas palavras, levando consigo, de forma irreversível, aqueles que a leem. Só pode mesmo ser bruxaria. Ela escreve segundo o “[...] modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu.” (MOSER, 2017, p. 343)

Ler Clarice é incômodo e transformador: afinal, se G.H., que é uma mulher humana, reconheceu a barata como sua igual, o que diferencia nós, leitores, das baratas do mundo? Se nos depararmos com um rato morto no meio da rua, podemos apenas ignorar o desconforto e seguir andando. Mas isso apenas se nunca tivermos lido Clarice Lispector, porque, caso contrário, não há mesmo volta, torna-se impossível ignorar o rato. Olhar para o rato morto é olhar para o nojo e todas as outras sensações ruins que ele suscita. Perceber-se capaz de sentir coisas assim faz com que olhemos para nós mesmos e para todos aqueles sentimentos e sensações que não queremos admitir que também têm morada em nosso interior. É muito mais fácil projetar tudo isso para fora, ver nos outros aquilo que negamos em nós. Apenas os outros sentem raiva, desprezo e vontade de matar, não é mesmo? Apenas os outros são capazes de sentir prazer com seu próprio ódio, de perder a cabeça em sua raiva, de ter pensamentos truculentos, não? Não, não é bem assim. Nós somos o rato. Somos a barata. Temos de tudo dentro de nós mesmos. Clarice mostra que, por mais desnorteador e assustador que seja, é possível atravessar-se, mergulhar de cabeça nos próprios abismos. Entrar no mar de madrugada. Comer uma barata. Sim, comer uma barata. G.H. chega a comer parte da barata.

## **2 OBJETIVO**

Com base nessas ideias, o objetivo deste trabalho é, a partir da abordagem teórica da Psicologia Analítica, fazer uma análise simbólica do romance *A paixão segundo G.H.* Clarice Lispector explora como ninguém o funcionamento do ser humano, trazendo à tona aspectos de sua existência mais profunda. Em Clarice, a “[...] inspiração não vem do sobrenatural, mas da elaboração inconsciente, que aflora à superfície como uma espécie de revelação.” (MOSER, 2017, p. 429)

## **3 JUSTIFICATIVA**

Essa obra é um mergulho na complexidade humana, tratando com profundidade a importância do olhar íntimo e corajoso para dentro de nós mesmos, de forma que seja possível reconhecer que o interior de cada ser humano é povoado por aspectos dos mais diversos, muitos dos quais recusando-nos a reconhecer como nossos e apontamos como sendo parte apenas dos outros.

Nos tempos de extrema polarização em que vivemos, experiências como a de G.H. são mais do que fundamentais. Projetar no outro tudo aquilo que desprezamos leva à violência

desnecessária. Quando reconhecemos que também somos a barata, percebemos que nem todo o mal está fora, que nada pode ser dividido de maneira simplista. Projetar no outro tudo o que não vemos em nós é muito fácil, tira a complexidade da existência humana, gera polarizações e violências muitas vezes brutal e exageradas. Nesse sentido, qualquer esforço que seja no sentido de entender minimamente o que é mergulhar em si mesmo, o que é ficar cara a cara com a barata, é importante para nossa evolução enquanto pessoas e também, claro, enquanto sociedade.

#### 4 MÉTODO

Com o objetivo de realizar uma análise simbólica do livro *A paixão segundo G.H.*, foi realizada uma pesquisa qualitativa, adequada ao propósito de uma análise literária. O método qualitativo é importante na pesquisa em Psicologia Analítica por auxiliar na compreensão do símbolo enquanto objeto de pesquisa que não pode ser acessado de forma direta e puramente objetiva (PENNA, 2009).

A Psicologia Analítica é uma ferramenta muito interessante para se falar sobre Clarice, oferecendo um rico arcabouço conceitual para a análise do livro enquanto objeto numinoso, fornecendo caminhos de se mergulhar no desconhecido acessado por G.H. e sair de lá fortificado, integrando à consciência, na medida do possível, os aspectos inconscientes que vêm à tona. A dinâmica de opostos a partir da qual se estrutura a psicologia de Jung vai muito ao encontro da jornada de G.H. Pode ser estabelecido um paralelo central entre o processo de individuação e a jornada percorrida pela personagem. Outros conceitos fundamentais também serão importantes para essa análise. Persona, sombra, anima/us, ego, consciência, inconsciente pessoal e coletivo podem todos ser relacionados a elementos do livro.

O trabalho foi desenvolvido como segue:

De início foram abordados os conceitos de símbolo, ego, persona, sombra, inconsciente pessoal e coletivo, individuação, anima/animus e *Self*, essenciais na teoria junguiana, com base nas obras completas de Jung e em produções de pós-junguianos como Murray Stein, Edward Whitmont e VerenaKast.

Em um segundo momento, foi feito um resumo da obra, seguido da análise de *A paixão segundo G.H.*, na qual buscou-se articular o enredo da obra com os conceitos da Psicologia Analítica apresentados, com ênfase em aspectos relevantes para o homem contemporâneo. Com base nessa análise, foi feita uma releitura buscando passagens ligadas

aos conceitos junguianos supracitados. Esse processo resultou em uma articulação teórica entre a obra literária e os conceitos da Psicologia Analítica.

## **5 CONCEITOS DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Aqui são abordados alguns conceitos da Psicologia Analítica relevantes para os objetivos deste trabalho.

### **5.1 EGO**

O ego é o ponto de referência da consciência: nada se torna consciente sem se relacionar com o ego. Ele é intrínseco à estrutura psíquica, implantado arquetipicamente, ou seja, é pré-existente enquanto potencialidade de individualidade. Entrelaçado às possibilidades arquetípicas do inconsciente coletivo e às vivências pessoais ligadas ao ambiente externo, o ego se forma, se constela e funciona como todos os complexos, mas é o único complexo consciente.

É através do ego que se dá a percepção do corpo e os registros da memória. Ele é um complexo de fatos psíquicos e detém, como tal, grande força de atração, atraindo conteúdos inconscientes e unindo-os a impressões do exterior que se tornam conscientes apenas na associação com o ego. É a sede das decisões e ações voluntárias, mas sua liberdade e autonomia são relativas, pois seu livre arbítrio é limitado pelo mundo externo e pelo inconsciente.

Apesar de ser o centro das atenções e desejos do sujeito, o cerne indispensável da consciência, o ego não é centro da personalidade: ele é apenas uma parte da totalidade, cujo centro é o Self. Pode-se pensar no ego, nesse sentido, como o representante do Self na consciência.

### **5.2 INCONSCIENTE PESSOAL E COLETIVO**

O inconsciente pessoal é um poço de conteúdos ligados à história pessoal de cada sujeito. Dentre esses conteúdos, estão os que foram reprimidos pelo ego e os que são subliminares. O inconsciente coletivo, por outro lado, é povoado pelos arquétipos, que são potencialidades primordiais que podem ou não ser desenvolvidas. Essas potencialidades são as mesmas para toda a espécie humana, são fenômenos que existiram em todas as épocas e culturas, formando um histórico da humanidade. O inconsciente coletivo, então, é um acúmulo de vivências da humanidade que se manifesta na psique de cada sujeito como

apontamentos de realização. Nesse sentido, para Jung, o ser humano não nasce uma tábula rasa, ele herda estruturas psíquicas construídas ao longo da história humana.

### 5.3 SELF

Ao mergulhar em uma fase de maior confronto com o inconsciente, Jung elabora o conceito do *Self*, definindo-o como um todo integrado, algo como um organismo autogestor da psique, o que dá a entender a noção de que a psique, de alguma forma, gere a si mesma, e que em todo movimento psíquico há o envolvimento de todas as dinâmicas psíquicas, nada se dá de forma isolada. O *Self* transcende a própria psique, sendo, além de psíquico, também psicóide. Sua potencialidade é arquetípica, todos os arquétipos derivam dele, que é o responsável por organizar as mensagens que vêm do inconsciente. Há um eixo de diálogo entre o *Self* e o ego. A fluidez desse diálogo depende de um ego fortalecido, que dê conta de integrar os conteúdos inconscientes à psique, não se deixando tomar completamente por eles, sem, entretanto rechaçá-los de modo desmedido.

O si-mesmo gera símbolos compensatórios de integração quando o sistema psíquico corre o risco de se fragmentar. Esse é o ponto em que intervém o arquétipo do si-mesmo num esforço para unificá-lo. [...] A tarefa do si-mesmo parece ser a de manter o sistema psíquico unido e em equilíbrio. A sua meta é a unidade. Essa unidade não é estática mas dinâmica. (STEIN, 2006, p. 144).

### 5.4 SÍMBOLO

O símbolo é a melhor forma encontrada pela psique para representar algo desconhecido, sendo inesgotável em significados e causando grande impacto na consciência para a qual se apresenta. A produção simbólica aparece como forma de conciliar conteúdos conscientes e inconscientes, tendo as funções de conectar tais conteúdos, revelar à consciência aspectos inconscientes da psique e transformar a energia daquilo que está inconsciente de forma que possa ser acessado pela consciência. Os símbolos são construídos através da atuação da psique como um todo, construção esta que é operada pela função transcendente, que vai para além dos opostos, unindo no símbolo aspectos das duas polaridades (consciente e inconsciente). O desenvolvimento psíquico caminha no sentido de maior integração dos conteúdos inconscientes e conscientes, de forma que o símbolo é uma importante ferramenta neste processo.

Nos símbolos, nossas dificuldades especiais e atuais tornam-se manifestas, assim como nossas próprias possibilidades de vida e desenvolvimento. Nas dificuldades depositamos as possibilidades de

desenvolvimento. (KAST, 1994, 37)

A elaboração simbólica, enquanto função da consciência, busca analisar e interpretar os símbolos que atravessam a parte consciente da psique. É importante pontuar que nos símbolos há elementos da consciência, do inconsciente pessoal e do inconsciente coletivo. Através da elaboração simbólica, para a qual a disposição do ego é muito importante, são investigados a fundo os elementos constituintes do símbolo, cujas raízes são buscadas nas experiências pessoais do sujeito e também naquilo que é coletivo. Em relação ao coletivo, realiza-se um exercício de ampliação, buscando o que naquele símbolo ultrapassa o universo da personalidade.

Os símbolos também carregam grande relação com o contexto social, histórico e pessoal (momento de vida) do sujeito. Todos estes aspectos são analisados na elaboração simbólica, a qual colabora, dessa forma, para a maior integração da psique.

A atitude simbolizadora trata-se de um processo de projeção: projetamos nosso inconsciente sobre a realidade na superfície. No entanto, não podemos projetar um tema qualquer, mas apenas temas que tenham conexão interna com nossa existência. Simbolizar significa, por um lado, questionar a realidade superficial em vista de uma realidade oculta, por outro lado, observar a realidade superficial no espelho dessa realidade oculta, desconhecida para nós. (KAST, 1994, p. 24)

## 5.5 INDIVIDUAÇÃO E INTEGRAÇÃO DE POLARIDADES

O processo de individuação é aquele através do qual a psique busca a melhor integração possível entre conteúdos conscientes e inconscientes. Ele pode ser dividido em algumas etapas, as quais não se dão de forma totalmente ordenada e delineada, mas no que pode ser colocado como “movimento em espiral”. A forma como cada sujeito passa por esse processo é singular, as etapas não costumam ser todas cumpridas e aspectos de uma podem se manifestar ao mesmo tempo que aspectos de outras.

A primeira etapa é caracterizada pela participação mística: identificação total da consciência com o mundo circundante, sendo a forma como os bebês de até três anos vivenciam o mundo. A segunda está relacionada ao fortalecimento do ego. O sujeito é inserido na sociedade (aculturação) e passa a projetar seus conteúdos não mais de forma tão indiferenciada, mas sobretudo sobre outras pessoas, como pai, mãe, professores... que

passam, através da introjeção, a modelar o sujeito. A terceira é a etapa na qual as projeções recaem sobre grandes ideias, símbolos e filosofias. As projeções são, então, transferidas de figuras concretas para conceitos que demandam maior abstração. A quarta é a etapa na qual o próprio ego se torna recipiente das projeções, deixando de conferir ao outro aquilo que lhe é mais significativo e passando a conferir tais qualidades a si mesmo, o que pode resultar em uma superinflação egóica. Na quinta etapa, o sujeito começa a perceber a psique como independente, tomando consciência de que não é senhor de si mesmo, mas sim fortemente influenciado por tendências inconscientes sobre as quais não tem controle. Há então uma limitação do ego e grande integração entre consciente e inconsciente. Pode-se também falar de uma sexta etapa, na qual consciente e inconsciente, sujeito e mundo, passam a integrar um todo unificado e indiviso.

É importante apontar que a individuação é um processo que tem uma orientação, uma finalidade, buscando integrar aspectos inconscientes à consciência. A psique é palco de uma constante tensão de opostos e, quando há um desequilíbrio, é buscada uma compensação. É muito provável que conteúdos forte e sistematicamente reprimidos pelo ego irrompam de forma intensa na consciência, irrupção esta que equilibra a energia gasta na repressão intensa. Há, dessa forma, a atuação de um mecanismo compensatório, que move a psique no sentido de encontrar o justo equilíbrio entre as polaridades. A integração consciente e inconsciente é central nessa busca por equilíbrio.

A relação fundamental entre o consciente e inconsciente é compensatória. O crescimento do ego fora do inconsciente - impulsionado por um poderoso instinto para ficar separado do mundo circundante a fim de adaptar-se de um modo mais efetivo ao meio ambiente - resulta numa separação entre a consciência do ego e matriz inconsciente donde provém. A tendência do ego é para tornar-se unilateral e excessivamente confiante em si mesmo. [...] Quando isso acontece, o inconsciente começa a compensar essa unilateralidade. (STEIN, 2006, p. 157).

A individuação, portanto, consiste na realização consciente, individual e única da totalidade psíquica, através da gradual integração entre consciente e inconsciente. Essa busca por uma unidade a partir da integração, porém, não pode ser uma regressão, por isso a grande importância de a realização ser consciente. O ego e a consciência precisam estar presentes para que se chegue a um nível mais complexo de desenvolvimento humano, é necessário que os conteúdos inconscientes sejam trabalhados a partir de uma consciência firme e bem estruturada, para que de fato haja integração, para que seja possível a jornada pela individuação.

## 5.6 PERSONA E SOMBRA

Enquanto o ego é tudo aquilo que é reconhecido pelo sujeito como sendo ele mesmo, a persona é aquilo que é mostrado ao mundo, é a forma assumida pela personalidade em função do meio ambiente. Nesse sentido, pode-se pensar na persona como uma máscara social, formada tanto a partir dos anseios do próprio indivíduo (aquilo que espera dele mesmo) quanto das exigências e normas da sociedade.

A persona é um complexo funcional ativo com núcleo arquetípico, sendo muito importante para a adaptação social, ou seja, para a adoção de atitudes congruentes com o contexto, ajudando no estabelecimento de relações adequadas com os objetos externos e servindo de proteção contra sensações de culpa e vergonha ao encobrir, para a sociedade, aspectos do sujeito que seriam mal-recebidos e rechaçados. Humbert (1985) coloca que a persona também é a nossa ponte com o mundo. Uma vez que a comunicação pura e direta é impossível, a persona atua no sentido de mediar a relação com o mundo externo, sendo a “[...] possibilidade que o sujeito tem de estar presente e manter ao mesmo tempo a distância, isto é, de comunicar.” (HUMBERT, 1985, p. 59).

Apesar da importância da persona para a estrutura do sujeito, ela não representa aquilo que realmente somos, mas sim o que os outros e nós mesmos pensamos que somos. Nas palavras de Stein (2006, p. 102), a persona “significa a pessoa-tal-como-apresentada, não a pessoa-como-real. A persona é um construto psicológico e social adotado para um fim específico.” Apesar disso, a consciência não sabe até que ponto está identificada com a persona, muitas vezes sendo incapaz de se ver para além dessa máscara social, identificando-se completamente com ela e ignorando tudo aquilo que se estende para além de seu contorno. Humbert (1985), coloca que a consolidação da persona é resultado de um ajustamento progressivo e árduo, que resiste o quanto puder à pressão interna dos conteúdos sombrios, aqueles que foram reprimidos e banidos da personalidade consciente.

A identificação completa com a persona representa uma polarização que precisa ser, de alguma forma, compensada. Os conteúdos reprimidos não deixam de existir apenas porque a consciência não lhes dá espaço, eles ganham cada vez mais força e podem vir à tona com grande intensidade. Não se trata, porém, de “[...] suprimir a máscara, mas de mais identificar-se com ela, isto é, de não mais usar o papel social e a linguagem para substituir o sujeito.” (HUMBERT, 1985, p. 59).

A sombra, por outro lado, é constituída por tudo aquilo que o ego rejeita ou não reconhece como sendo parte de si mesmo. O não reconhecimento desses aspectos pelo ego, porém, não faz com que deixem de existir: eles ficam no inconsciente, ganhando mais força conforme mais intensamente forem reprimidos. Basta um gancho externo para que tais conteúdos sejam projetados sobre outras pessoas, ou seja, a consciência os percebe no mundo externo, o que gera reações como raiva e irritação, sem haver o reconhecimento de que tais reações estão ligadas justamente ao fato de o sujeito ter esses conteúdos também si.

Uma parte do psiquismo de cada indivíduo é projetada no ambiente a tal ponto que o sujeito não tem nenhum meio de atribuí-lo a si mesmo. Quando o trabalho de consciência se desenvolve, constatamos que componentes psíquicos que estavam completamente projetados para fora passam a manifestar-se no psiquismo individual em figuras e sombra. (HUMBERT, 1985, p. 57)

Pensando dessa forma, nem tudo o que compõe a sombra é necessariamente ruim. Na verdade, esses conteúdos estão indiferenciados, podendo ser construtivos caso a consciência consiga de alguma olhar para eles e integrá-los. Se forem consistentemente reprimidos, porém, ganham mais e mais força e podem irromper de forma destrutiva, se apossando de forma completa do ego, uma vez que a sombra é um complexo e, como todo complexo, pode ser constelada. A sombra pode derrubar a ordem estabelecida e tomar o consciente, de forma temporária ou de forma mais durável, dependendo da estrutura egóica e de quão reprimidos foram os conteúdos. Nesse sentido, a gradual integração dos conteúdos da sombra à consciência é muito importante. Ignorar os conteúdos sombrios por muito tempo pode ser perigoso.

A sombra é entendida, então, como a contrapartida da personalidade consciente. Ela é formada por pulsões reprimidas e valores rejeitados e, quanto mais unilateral é o inconsciente, mais fortes os conteúdos da sombra. Humbert (1985), coloca, porém, que a sombra não é apenas o mero oposto do consciente. Ela também representa o que falta a cada personalidade, ela é o que poderíamos ter vivido, mas não vivemos. Quem somos nós em relação ao que poderíamos ter sido? Para além da morada dos conteúdos reprimidos, a sombra também representa as consequências de nossas escolhas de vida. O autor coloca que figuras que se apresentam ao consciente como figuras de sombra tornam-se parceiras para uma história possível, ou seja, a sombra pode ser elaborada e integrada à consciência, reagindo e mudando conforme relaciona-se com as partes conscientes do sujeito. Ele destaca a dinâmica que envolve as partes mais primitivas da alma humana, que “aparecem sob forma de animais de

sangue frio ou de cataclismas naturais. Jung fala da cauda de sáurio que o homem civilizado esconde de si mesmo, e que terá que redescobrir um dia.” (HUMBERT, 1985, p. 57)

Esse processo de construção de uma história junto à sombra, porém, não é aquele tipo de história que termina com um final simples e feliz depois de uma série de aventuras e desventuras. O confronto com a sombra é um processo infinito, que nasce do próprio desenvolvimento do sujeito, entendendo-se para toda a vida.

Em geral, tomar conhecimento da sombra provoca conflitos que põem em causa os hábitos, as crenças, os laços afetivos e mais radicalmente os diversos espelhos da consciência de si. É o Nigredo dos alquimistas, a crucifixão e a tortura. A experiência do que foi reprimido ou daquilo que não chegou ao consciente desarticula o eu, faz com que perca seus pontos de apoio e mergulhe na obscuridade. [...] Esta experiência é para Jung a porta do real. O conflito surgido da tomada de consciência da sombra explode as identificações imaginárias. (HUMBERT, 1985, p. 57)

Aprofundando a reflexão sobre o papel da persona e da sombra na psique, Humbert (1985) apresenta a ideia de que há formas tomadas pelo dinamismo inconsciente para interferir na vida psíquica e física. O encontro com o outro é uma dessas formas, e ele pode ser pensado dentro de categorias. Persona e sombra são duas dessas categorias, levando à possibilidade de diálogo entre consciente e inconsciente.

O psiquismo e seu enraizamento no corpo, na sociedade, no cosmos, não são inteiramente acessíveis ao consciente. A questão principal é saber como relacionar-se com ele. As categorias propostas por Jung, como a figura do outro, são mediadoras da relação. (HUMBERT, 1985, p. 55)

Essas figuras do outro são construídas na psique a partir de várias dimensões, remetendo tanto à história coletiva da humanidade quanto ao dinamismo de cada sujeito, ou seja, a um núcleo arquetípico se somam questões individuais, contexto familiar e ambiente. “Estas imagens também fazem história, isto é, manifestam por suas características próprias, a natureza e orientação da dinâmicas em ação para o sujeito.” (HUMBERT, 1985, p. 55)

O encontro com o outro, nesse sentido, leva ao confronto com os dinamismos inconscientes, e tanto a persona quanto a sombra são categorias desse confronto. O outro confrontado pode ser externo ou interno. A persona é a máscara que muitas vezes acreditamos ser nós mesmos, mas, uma vez que ela não abarca toda a profundidade da alma, sendo constituída essencialmente com base em demandas do ambiente, ela não deixa de ser um outro que confortavelmente adotamos como sendo nossa única identidade. A sombra, por outro lado, é um outro que habita nossas profundezas e, para adentrá-la, é necessário desfazer-se do que previamente entendíamos por nós mesmos. É importante, nesse processo, ser capaz

de ampliar a *persona*, integrando a ela aspectos que até então haviam habitado apenas a *sombra*.

Pensando em *persona* e *sombra* como um par de opostos, duas polaridades do ego, a integração de aspectos dos dois lados é fundamental no processo de desenvolvimento psicológico. A integração, segundo Stein (2006), depende da aceitação pela pessoa de si mesmo, da plena aceitação daquelas áreas ou partes de nós mesmos que não pertencem à imagem da *persona*, que costuma ser a imagem de um ideal ou de uma norma cultural. O confronto com outro, dessa forma, leva ao crescimento psíquico, à ampliação da consciência. A *persona* e a *sombra* cumprem importante papel nesse processo. O mergulho do sujeito nestes aspectos de si mesmos o levam a conhecer-se melhor, e não há aprofundarmos em nós mesmos sem compor o outro que existe em nós.

## 5.7 ANIMA/US

O par *anima* e *animus* forma uma estrutura psíquica que representa a alteridade dentro de cada sujeito. Stein (2006) coloca *anima* e *animus* como formas vitais básicas que carregam consigo o outro arquetípico que existe dentro de nós mesmos. Diferente da *sombra*, que é um outro que já constitui o sujeito e causa irritação e rejeição, o outro ligado ao par *anima* e *animus* é constituído por possibilidades ainda não acessadas, é como um portal para um outro mundo. *Anima* e *animus* são os arquétipos que formam a ponte para o inconsciente coletivo, vinculando o ego “[...] à camada mais profunda da psique, ou seja, à imagem e experiência do si-mesmo.” (STEIN, 2006, p. 118). *Anima* e *animus*, nesse sentido, definem a forma pela qual o sujeito percebe seu próprio interior profundo.

*Anima* e *animus* são personalidades subjetivas que representam um nível do inconsciente mais profundo do que a *sombra*. Para melhor ou para pior, elas revelam as características da alma e conduzem para os domínios do inconsciente coletivo. (STEIN, 2006, p. 116)

*Anima* e *animus* são estruturas arquetípicas e, como tais, formadas por uma ampla gama de conteúdos que se estendem para muito além do próprio sujeito. Dentre todos esses conteúdos, aqueles que serão ou não incorporados pela psique de um indivíduo vão depender da experiência pessoal de cada um. O outro arquetípico causa fascínio, desejo de união e de comunhão, governando as relações com o mundo interior do inconsciente. É a partir da ponte formada por *anima* e *animus* que o ego é vinculado à imagem e experiência do si-mesmo, de

forma que entrar em contato com a alteridade arquetípica representa um grande potencial para o desenvolvimento da psique.

Em um funcionamento psíquico ideal, as partes conscientes e inconscientes cooperam uma com a outra, de forma que os conteúdos inconscientes não sejam nem inteiramente reprimidos nem assumam controle total sobre o sujeito. Stein (2017), coloca anima e animus como formas poderes que ao mesmo tempo que moldam a psique, também são moldados por ela. São forças potentes que, se por demais ignoradas, podem quebrar as estruturas culturalmente impostas e impor-se radicalmente ao ego, por mais relutante que este esteja.

A relutância que muitas vezes toma o ego está relacionada ao medo gerado por aquilo que é desconhecido. As barreiras do mundo como o sujeito o compreende podem dissolver-se quando ele percebe que seu mundo interior é muito mais vasto do que imaginava. Esse tipo de percepção causa mudanças fortes na vida de uma pessoa, abala as estruturas que até então serviam de base. Embora assustador em um primeiro momento, esse abalo é fundamental para que sujeito se aproprie cada vez mais de si mesmo, desenvolvendo sua psique e ampliando sua percepção do mundo. Através do confronto com anima e animus é possível descobrir que dentro de nós mesmo há um vasto universo, habitado por lugares e ideias até então inimagináveis.

## 6 A PAIXÃO SEGUNDO G.H.

*A paixão segundo G.H.* é um relato em primeira pessoa no qual a personagem, que se identifica apenas pelas iniciais, G.H., conta ao leitor sobre a profunda e íntima transformação existencial pela qual passa. De típico membro da classe média alta carioca, ela se torna alguém radicalmente diferente. Essa jornada rumo aos interiores de si mesma tem início quando, em uma manhã, pela primeira vez em muito tempo, ela entra no quarto de empregada de seu apartamento e encontra uma barata dentro do armário.

O animal exerce sobre ela, ao mesmo tempo, intenso fascínio e forte repulsa, despertando uma torrente de emoções, percepções e sentimentos que a tomam por completo, a tiram do eixo de si mesma e a levam a experiências que extrapolam em muito tudo o que poderia ter imaginado como possível. É a partir dessa sequência de eventos tão simples, entrar no quarto e encontrar uma barata, que Clarice Lispector constrói uma história de complexa profundidade, sem sequer precisar tirar sua personagem de dentro do quarto de empregada, pois tudo acontece dentro da própria G.H., que se descobre infinita e percebe o quão restrita e pobre era, até então, sua perspectiva sobre o mundo e sobre si própria.

A análise que segue e todas as citações que aparecem ao longo da obra têm como base a edição do livro publicada em 2009<sup>1</sup>, que não será citada a fim de assegurar a legibilidade do texto.

*A paixão segundo G.H.* é um livro cujo enredo não é permeado por grandes ações e acontecimentos: G.H. está sozinha em seu apartamento, entra no quarto de empregada e encontra uma barata dentro do armário. Em termos de eventos concretos, é isso o que acontece. A partir desses poucos acontecimentos, a personagem embarca em uma profunda e densa jornada introspectiva. Quarto e barata são apenas os gatilhos que fazem com que ela mergulhe de cabeça no abismo que encontra dentro de si mesma, passando por um processo de forte e íntima transformação.

Transformação... afinal, não é exatamente sobre isso que se trata toda a Psicologia Analítica? É a transformação, a partir da integração gradual entre consciente e inconsciente, que guia toda a teoria por trás dos conceitos junguianos. O que G.H. faz no livro é mergulhar em direção a si mesma, à sua alma mais profunda, atravessando as várias camadas de sua personalidade e de sua psique, para então aproximar-se da vivência numinosa e intraduzível que constitui a experiência arquetípica. Como ela faz

---

<sup>1</sup>LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

isso? Talvez nem a própria Clarice Lispector saiba, mas é possível, ao longo do livro, ir reunindo as peças que compõem essa jornada e entender aquilo pelo que G.H. passa. Entender, na verdade, talvez não seja uma boa palavra. A leitura da experiência de G.H. envolve muito mais do que a mente racional é capaz de processar por conta própria. O processo de transformação da personagem arrasta junto o leitor, levando-o de corpo e alma para os abismos e picos da psique, envolvendo portanto muito mais do que o processo racional de entendimento.

Começando do começo: G e H são as iniciais do nome da personagem que protagoniza e narra o romance. Em nenhum momento ela se identifica para além dessas duas iniciais, chegando inclusive a se despir das letras de seu nome no decorrer da narrativa, como quem tira sua máscara social, sua persona, aquilo que a torna reconhecível para o mundo e para si mesma. Já nas primeiras linhas, G.H. conta ao leitor que está escrevendo porque precisa desesperadamente colocar em palavras algo que lhe aconteceu no dia anterior. Ela não sabe o que fazer com o que experienciou e não se julga capaz de ficar com tudo dentro de si, decidindo, então, escrever como forma de usar as palavras para entregar a quem a lê um pouco de sua experiência. Ela pede que o leitor segure firme em sua mão para ajudá-la a contar sua história.

Enquanto escrever e falar vou ter que fingir que alguém está segurando a minha mão. Oh pelo menos no começo, só no começo. Logo que puder dispensá-la, irei sozinha. Por enquanto preciso segurar esta tua mão - mesmo que não consiga inventar teu rosto e teus olhos e tua boca. (p. 16)

O que significa esse pedido de G.H. para que alguém lhe estenda a mão? É possível entender isso como uma ancoragem. Ela passou por uma experiência que a levou para além dos limites daquilo que é racional. Ela entrou em contato com conteúdos que até então havia reprimido totalmente de sua vida. Ela se esforçava ao máximo no papel de mulher comum, com vida, roupas e apartamento impecáveis. Não existia, para ela, o sujo, o cru, o incognoscível. Ela estava totalmente polarizada, excluindo de sua existência tudo o que pudesse ser minimamente incômodo. O fato de ela ter banido tudo isso de sua consciência, porém, não significa que esses conteúdos desapareceram magicamente: eles continuaram dentro dela, se agitando e se preparando para em breve impor a G.H. sua presença.

O mergulho no inconsciente pode levar uma pessoa à loucura, literalmente. Ainda mais em uma pessoa que por vezes e mais vezes se recusou a olhar para seus aspectos

mais profundos e incompreensíveis. Conteúdos tão fortemente reprimidos, quando ganham vida, podem invadir o ego e a consciência de forma avassaladora. Enquanto são ignorados, ficam lá no fundo de nós mesmos, juntando cada vez mais força para sua revolta. É importante integrar esses conteúdos, sim, claro que é! Mas, para isso, é necessário ter uma âncora bem presa na realidade concreta, para que tudo o que veio à tona seja de fato integrado e possibilite uma progressão da consciência, e não uma regressão. Regredir, nesse caso, seria se deixar invadir por completo, perdendo o controle e se desestabilizando de forma irremediável, incapaz do discernimento e compreensão conscientes sobre si mesmo e o mundo. Progredir seria, justamente, integrar os conteúdos inconscientes à psique, ampliando a percepção e abrindo novas perspectivas, rompendo o padrão viciado com o mundo externo e interno.

G.H. precisa, então, que alguém a ajude a manter os pés na realidade, ou poderá acabar por perder os frutos da experiência que teve, sendo levada embora como Dorothy e sua casa são arrastados pelo furacão em *O mágico de Oz*. É por meio das palavras escritas que G.H. joga sua âncora. Suas palavras plantam raízes para que ela não saia voando, e o solo no qual essas raízes se estendem é, para além do papel, o corpo e a mente daqueles que leem o relato de G.H. Como fios em um tear, ela costura os leitores em sua trama, levando-os a embarcar junto dela em sua jornada, mostrando-se permeável ao outro, à alteridade e demonstrando uma profunda ânsia por compartilhar sua vivência.

Nós, leitores, somos parte fundamental da transformação da personagem. E ela é da nossa, afinal, saímos também transformados. Como Beatriz guia Dante na *Divina Comédia*, G.H. guia os leitores pelas veredas do inconsciente e da jornada de individuação, prometendo uma compensação a quem segura sua mão. “Como te compensar? Pelo menos também usa-me, usa-me pelo menos como túnel escuro - e quando atravessares minha escuridão te encontrarás do outro lado contigo.” (p. 98)

G.H. pede, então, que lhe estendamos a mão. À essa altura do livro, o leitor já está ardendo de curiosidade. Quem é essa mulher? Sobre o que ela está falando? O que ela quer contar? São questões que vão sendo respondidas ao longo do livro. G.H. vai se apresentando pouco a pouco, e o leitor vai mergulhando na maneira como ela pensa e apreende o mundo, submergindo na substância mais íntima da personagem, se misturando com ela de forma que parece sem volta. Apesar de toda essa intimidade com G.H., em momento algum ela conta qual é a cor de seus cabelos ou de seus olhos. Também não sabemos sua altura, a cor de sua roupa, o formato de seu corpo. O que se sabe é que ela mora em um apartamento luxuoso, faz esculturas e nunca casou ou teve

filhos.

Pensando sobre tudo o que não se sabe sobre ela, percebe-se que, na verdade, nada disso é importante. A G.H. que tem olho de tal cor e gosta de vestidos da marca X não passa de sua persona, sua máscara social. A persona é formada por tudo aquilo que o indivíduo espera de si mesmo e também pelas exigências da sociedade. Ela tem núcleo arquetípico, ou seja, é comum a todos os seres humanos, é uma predisposição inata e necessária. As máscaras dadas pela persona são, ao mesmo tempo, uma ponte e uma barreira em relação ao mundo. Uma ponte, pois são importantes para a adaptação social, são protetoras, são confortáveis, ajudam no estabelecimento de relações concretas com o mundo externo. Ao mesmo tempo, uma barreira, porque podem acabar por encobrir o acesso ao nosso mundo interno, à nossa alma, dificultando o acesso ao que nos é mais profundo.

Enquanto eu mesma era, mais do que limpa e correta, era réplica bonita. Pois tudo isso é o que provavelmente me torna generosa e bonita. [...] Eu era a imagem do que eu não era, e essa imagem do não-ser me cumulava toda: um dos modos mais fortes é ser negativamente. Como eu não sabia o que era, então “não ser” era a minha maior aproximação da verdade. (p. 31)

A persona é resultado de um ajustamento progressivo e árduo ao mundo externo e às expectativas da pessoa em relação a si mesma. Viver vira, nas palavras de G.H., um grande esforço de construção. “Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar: nessa pessoa organizada eu me encarnava, e nem mesmo sentia o grande esforço de construção que era viver.” (p. 10) A persona permanece firme e forte até que as coisas na vida começam a parecer não estar exatamente do jeito que gostaríamos, algo começa a nos incomodar e questionamos se de fato somos aquilo que sempre pensamos ser. A persona também é pressionada por tudo aquilo que foi excluído dela mesma, os aspectos sombrios, que são como a pressão contida dentro de uma panela. Se essa pressão não for aliviada de alguma forma, a panela pode explodir para todos os lados.

G.H. estava muito polarizada em sua persona, enrijecida na ideia que ela e as pessoas ao seu redor construíram a respeito dela mesma. A persona virou uma crosta de gelo fixa ao seu redor, impedindo-a de se mover com liberdade e congelando as vias de conexão com os conteúdos mais profundos da psique. Nesse sentido, realmente não importam as características concretas da persona de G.H. O que importa de verdade é que, como acontece com todo gelo, em algum momento ele racha – ou derrete – cedendo à numinosidade da experiência arquetípica. G.H., ao longo do livro, desveste sua camada

mais superficial, entrando em contato com uma camada de sua psique em que as divisões entre ela e o mundo são muito sutis, na qual sua identidade já não é mais tão importante. G.H., transformada, começa a falar em nome de sua alma, daquilo que nela é vida, pura potência. Para isso, não é necessário que ela apresente sua cara de mulher cotidiana.

É importante lembrar, no entanto, que é a partir da persona que nos comunicamos com o mundo. Uma comunicação pura e direta, da alma para aqueles que nos rodeiam, é impossível. A persona participa como importante mediadora nessa relação. G.H. deixa de ser sua antiga eu, ampliando sua persona, abrindo seu campo de visão. Sem isso ela sequer seria capaz de escrever seu relato. A linguagem escrita é uma forma de se falar que não exclui a persona, que precisa dela. As palavras não são limpas e puras, mas carregadas de significados pessoais e coletivos. Cada língua carrega marcas irrevogáveis da cultura à qual pertence, e a forma como o sujeito articula as palavras de sua língua já diz muito sobre a forma como ele se entende por ele mesmo.

A G.H. que chega até nós é uma G.H. transformada, mas continua sendo uma G.H., continua carregando pelo menos as iniciais de seu nome. Como exatamente ela era antes de toda sua jornada, não há como saber. Afinal, não sabemos nem mesmo a cor de seus cabelos. O objetivo do processo pelo qual ela passa não é perder-se nas questões inconscientes que afloraram à superfície, mas sim integrá-las à consciência. A persona não é banida, mas ampliada e transformada. É justamente isso que G.H. fez, caso contrário, sequer estaria falando conosco. Tudo isso vai sendo construído aos poucos, ao longo de toda a narrativa. Por enquanto, estamos ainda no início da história, quando percebemos que não sabemos quase nada sobre quem a narra e tampouco sobre o que ela vai narrar.

Como já discutido, as características concretas de G.H. não são de grande relevância para a história. Uma delas, porém, vale a pena destacar: ela é escultora. Ela molda, dá forma, encerra a matéria disforme dentro do limite da forma. Estamos falando aqui de uma pessoa que, antes de passar por toda sua jornada transformadora, vivia de dar forma. Pode-se pensar nessa profissão sob várias perspectivas, mas aqui é interessante pensar justamente no aspecto daquela que atribui um formato à matéria.

G.H. vai, aos poucos, abandonando o mundo da forma, arriscando-se pela primeira vez em meio ao desconhecido. “Até então eu não tivera a coragem de me deixar guiar pelo que não conheço em direção ao que não conheço: minhas previsões adiantavam de antemão o que eu veria.” (p. 15). Ela vai entrando no seio da dinâmica do inconsciente, do inominável, onde não há tempo, espaço, verbo ou formato. A escultora

vai, pouco a pouco, cedendo ao amorfo, ampliando as fronteiras da realidade e mergulhando no imaginário coletivo e na dinâmica que rege o funcionamento arquetípico. Aquela que trabalha moldando com suas próprias mãos vai entrar em contato com conteúdos que não se pode tocar, não se pode definir, não se pode restringir. Imaginem o quão assustador não deve ter sido para ela não poder tocar em algo com suas próprias mãos!

Ontem no entanto perdi durante horas e horas a minha montagem humana. Se tiver coragem, eu me deixarei continuar perdida. Mas tenho medo do que é novo e tenho medo de viver o que não entendo - quero sempre ter a garantia de pelo menos estar pensando que entendo - não sei me entregar à desorganização. (p. 11)

Mas, afinal, o que de fato aconteceu com G.H.? O que ela tanto quer contar ao leitor? Como ela consegue fazer tudo isso, desvestir-se da persona tão duramente construída, acessar seu ser mais profundo, transformar-se tão profundamente? Ao começar a narrar o que lhe aconteceu, ela conta que estava em casa, sentada à mesa do café da manhã. Sua empregada havia ido embora e G.H. decide, então, passar o dia fazendo uma grande faxina em sua casa, começando pelo quarto da empregada. Ela imagina que o quarto estará uma bagunça, cheio de poeira e objetos abandonados, mas a realidade se mostra absolutamente diferente. Ela abre a porta do quarto e vê um lugar extremamente branco e limpo, que nem parece parte de sua casa, mas sim um espaço desconhecido, um território estrangeiro. Ela toma coragem e entra no quarto, encontrando, em meio à branquidão, um desenho riscado a carvão na parede pela antiga empregada. Uma mulher, um homem e um cachorro, desenhados em tamanho real e com traços simples e grosseiros. Este choque é logo seguido de outro, ainda mais arrebatador: ela entreabre a porta do armário e encontra uma barata.

Então, dentro de sua própria casa, G.H. descobre um espaço que lhe era totalmente desconhecido. Um espaço neutro, sem adornos, sem cores, sem objetos. Ela sequer imaginava que o quarto de empregada fosse assim, ela não pisava ali há muito tempo, muito tempo mesmo! Ela imaginava que, por ter estado por tanto tempo fora de seu controle, o quarto estaria abandonado e sujo, mas se depara com o oposto disso. A antiga empregada, agindo de forma silenciosa e discreta, havia deixado o quarto de uma forma que G.H. jamais imaginaria.

Esperara encontrar escuridões, preparara-me para ter que abrir escancaradamente a janela e limpar com ar fresco o escuro mofado. Não contara é que aquela empregada, sem me dizer nada, tivesse arrumado o quarto à sua maneira. Da porta eu agora via um quarto que tinha uma ordem calma e vazia. Na minha casa fresca, aconchegada e

úmida, a criada sem me avisar abriu um vazio seco. (p. 37)

Como é possível isso? Como pode, dentro de sua própria casa, existir um lugar que ela desconhece por completo? Como a existência daquele quarto, impecavelmente branco, com desenhos na parede e uma barata, uma barata!, no armário, pode ter escapado ao seu conhecimento? É aí seu primeiro contato com o inconsciente, sua primeira percepção de que há coisas que fogem de seu domínio. Há na psique forças autônomas e inconscientes que agem fora do campo consciente, rearranjando cômodos sem que nós sequer percebamos. G.H. começa a se dar conta da existência dessas forças, entrando em contato tanto com o inconsciente pessoal quanto com o coletivo. G.H. ainda é G.H., e ainda vai atravessar, dentro desse quarto, questões ligadas à sua história pessoal, mas o inconsciente coletivo, aquilo tudo que extrapola os limites individuais, também já se faz presente.

A psique objetiva, comum a toda humanidade, pode muito bem ser um quarto branco sem nada, não pode? O branco que representa todas as possibilidades, onde tudo pode ser desenhado. O branco daquilo que ofusca, pois nossos olhos não estão preparados para digerir o que ele comunica, o que ele significa. O branco que é impactante, numinoso e choca nossos olhos e sentidos. Mas no quarto de empregada não havia apenas branco... que mais havia nesse quarto? Figuras toscas pintadas a carvão na parede. E o que há no inconsciente coletivo? Arquétipos, não é mesmo? E o que são arquétipos? São potencialidades, predisposições, estruturas, constructos... Chamem do que quiserem, menos de “coisa”. Arquétipos não são coisas, não têm forma concreta. São inapreensíveis.

Na parede caiada, contígua à porta - e por isso eu ainda não o tinha visto - estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão. Nos corpos não estavam desenhados o que a nudez revela, a nudez vinha apenas da ausência de tudo o que cobre: eram os contornos de uma nudez vazia. (p. 38)

Na parede há então o contorno de um homem, uma mulher e um cachorro. Contornos toscos, sem detalhes, como diamantes brutos. Podem ser qualquer homem, mulher e cachorro do mundo. Uma pintura primitiva na mais recôndita caverna já habitada pelos ancestrais humanos. Uma caverna que existe até hoje no fundo do fundo do fundo de qualquer ser humano, onde estão as sementes de toda e qualquer experiência humana. Sim, podemos dizer que já há traços do inconsciente coletivo no quarto de empregada dentro da casa de G.H. Ela já tem um primeiro vislumbre de que há no

mundo muito mais do que ela se permitia ver. Há dentro de sua casa muito mais do que ela se permitia ver. Há dentro dela mesma muito mais do que ela sempre viu.

Humbert (1985), coloca que há alguns conteúdos inconscientes que na verdade são energeticamente suscetíveis a se tornarem conscientes, mas ainda não haviam podido ser acolhidos pelo ego, permanecendo subliminares até que se decida olhar para eles. O quarto de empregada do apartamento de G.H. parece ser um desses conteúdos. Ele estava lá, sempre esteve lá, mas sem chamar muita atenção. G.H. poderia ter ido lá dar uma olhada de vez em quando se quisesse, mas ela decidiu não fazê-lo, decidiu ignorá-lo. Um dia pela manhã, no entanto, lá vai ela olhar para aquilo que sempre esteve lá, subliminar, bem perto da superfície. E é aí que ela se surpreende. O primeiro passo de sua jornada é justamente isso, olhar para o quarto que já estava lá desde sempre.

Humbert (1985) também coloca a ideia de que, na sombra do sujeito, além dos conteúdos reprimidos, está também tudo aquilo que poderíamos ter sido e, por nossas escolhas de vida, acabamos por não ser. O que pode ser melhor do que um quarto em branco para representar tudo o que poderia ter sido e não foi? Sobre o branco é possível desenhar o que se quiser, tudo é possível. G.H. esteve por tanto tempo fechada na ideia que criou a respeito de si mesma que não olhava para as consequências restritivas de suas escolhas. Mas algo nela já se mexia para entrar em contato com tudo isso. Lá estava o quarto branco, bem embaixo do seu nariz. Bastava virar a cabeça e olhar. Bastava abrir uma porta, uma porta que nem sequer estava trancada, mas acessível. G.H. vai até o quarto de empregada, nos fundos dos fundos dos fundos de seu apartamento, e abre a porta.

Ela então entra no quarto e se choca-se com aquele território estrangeiro. Choca-se com a pintura. E choca-se com a barata. A barata. Essa barata que, para G.H., é um símbolo, causando grande impacto em sua consciência e conectando-a a conteúdos até então inconscientes. Como vamos percebendo ao longo do livro, essa barata é inesgotável em seus significados e, mais importante do que tudo, ela tem um sentido, pois todo símbolo é um importante catalisador da ampliação da consciência, orientando o caminho da individuação.

Não conhecemos o bastante a respeito de G.H para investigar por completo o papel das baratas em sua história pessoal ou suas possíveis associações com conteúdos de uma ordem mais ampla, coletivos, mas baratas, é evidente, são para ela carregadas de numinosidade, e a mobilizam fortemente. Pode ser que esse medo já existisse em sua infância, relacionado a eventos traumáticos de sua vida, ou talvez seja apenas um medo

que sempre a perseguiu, desconectado de eventos concretos. Não há como saber. Nem ela mesma sabe ao certo, mas afirma que a visão da barata a remete de alguma forma à sua infância. Ao ver a barata, ela de súbito se lembra de algumas condições de quando era criança.

A lembrança de minha pobreza em criança, com percevejos, goteiras, baratas e ratos, era de como um meu antepassado pré-histórico, eu já havia vivido com os primeiros bichos da Terra. (p. 47)

Essa mobilização intensa causada pela barata também pode estar relacionada a origens que extrapolam as vivências pessoais de G.H., e estar enraizada nos medos mais profundos da própria humanidade, ligada ao arcabouço de conteúdos coletivos com os quais todo ser humano nasce, ao seu “passado pré-histórico”, como ela mesma coloca. Afinal, a barata é um dos seres vivos mais antigos que existe, habitando o mundo desde tempos muito remotos, permanecendo praticamente intacta desde seu surgimento enquanto espécie e sendo capaz de resistir às mais inimagináveis atrocidades. Dizem por aí que se toda a humanidade perecer diante de uma guerra nuclear ou de um desastre natural, serão as baratas que dominarão o mundo.

Pela lentidão e grossura, era uma barata muito velha. No meu arcaico horror por baratas eu aprendera a adivinhar, mesma a distância, suas idades e perigos; mesmo sem nunca ter realmente encarado uma barata eu conhecia os seus processos de existência. (p. 46)

Não é possível ter certeza absoluta do motivo de justamente uma barata mobilizar tanto G.H., mas ela diz que sente um horror arcaico e tanto a ideia desse pavor estar ligado a conteúdos pessoais quanto a de estar ligado a conteúdos coletivos podem ser consideradas como válidas e agregam mais força à ideia da barata como símbolo para a personagem. O símbolo é um amálgama de conteúdos conscientes, inconscientes pessoais e inconscientes coletivos, sendo a melhor expressão possível de algo que está em processo na psique. A partir da função transcendente, a psique constrói os símbolos no sentido de conciliar conteúdos conscientes e inconscientes, tendo as funções de conectar esses conteúdos, revelar à consciência aspectos inconscientes da psique e transformar a energia daquilo que está inconsciente de forma que possa ser acessado pela consciência. Como coloca Verena Kast (1994), nos símbolos, nossas dificuldades especiais e atuais se tornam manifestas, assim como nossas próprias possibilidades de vida e desenvolvimento. Dessa forma, G.H. gostando ou não, a barata é um símbolo para ela. Sem esse inseto tão antigo e nada agradável, nada teria se movido tão intensamente em sua psique.

A barata, nesse primeiro momento, é então o gatilho que leva G.H. a entrar em contato com conteúdos que até então habitavam apenas seu inconsciente. Ela precisa encarar esse outro que é a barata. Primeiro como algo que está fora dela e depois como algo que também está dentro dela. Ela sente medo e nojo, reações de rejeição que são tipicamente geradas pelo encontro do sujeito com a própria sombra. Na sombra está tudo aquilo que o ego rejeita. A barata é feia, suja, o mais primitivo dos animais, vive nos subterrâneos, não é nem um pouco simpática. Ninguém quer reconhecer nada disso como parte de si mesmo, mas não há como escapar, somos todos morada das polaridades do mundo, nada existe só dentro ou só fora de nós. Bem e mal, bonito e feio, limpo e sujo, consciente e inconsciente... tudo isso compõe um só todo. A recusa de G.H. em ver esses aspectos todos como integrantes dela mesma não faz com que eles se retirem cabisbaixos para onde não podem ser vistos. Muito pelo contrário. Eles vão ganhando cada vez mais força e, em algum momento, explodem com tudo.

Momentos antes eu superficialmente julgara que meus sentimentos eram apenas de indignação e de nojo, mas agora eu reconhecia - embora nunca tivesse conhecido antes - que o que sucedia é que enfim eu assumira um medo grande, muito maior do que eu. (p. 51)

G.H. vinha, até então, reprimindo tudo isso dentro dela. Ela é uma mulher da sociedade, é artista, se veste bem, sai à noite com seus amigos e estampa belos sorrisos em seu rosto bem hidratado. Barata? Isso não faz parte da persona de G.H., é inaceitável para seu ego, que se esforçou em banir tudo isso para reinos distantes. E é justamente por tudo isso que a barata lhe traz nojo, misturado a um medo imenso, um medo que ela nunca tinha tido a coragem de assumir. Tudo isso fora tão duramente reprimido que vem à tona, a partir da barata, de forma brusca e avassaladora, indicando que sua sombra foi de fato constelada. Como G.H. maneja essa ativação de aspectos de sua sombra? Ela pode ser totalmente tomada por eles, perdendo o controle, ou pode encará-los de frente e integrá-los de forma construtiva à sua consciência. O que será que ela faz?

O medo grande me aprofundava toda. Voltada para dentro de mim, como um cego ausculta a própria atenção, pela primeira vez eu me sentia toda incumbida por um instinto. E estremei de extremo gozo como se enfim eu tivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce - como se enfim experimentasse, e em mim mesma, uma grandeza maior do que eu. Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte, eu me embriagava com o desejo, justificado ou não, de matar. (p. 52)

A primeira reação de G.H., tomada por um medo avassalador, é esmagar a barata. Ela, G.H., sempre tão adequada e comportada, sente medo, raiva e nojo! Ela canaliza

toda a potência gerada por essas emoções e a usa para bater com força a porta do armário, esmagando a barata, que despertou o que há de pior e mais incompreensível nela, mostrando-lhe que ela é capaz de atos brutais e violentos. Ela é capaz de matar e ela é capaz de sentir que algo é ao mesmo tempo ruim e doce, prazeroso e terrível. Isso foge à compreensão do ego! Mas é assim que funciona a dinâmica inconsciente, as leis do dia-a-dia não são aplicáveis, os opostos convivem lado a lado e não há nada melhor do que o símbolo para trazer tudo isso à tona.

O ego de G.H. sentiu a cutucada colossal que veio por meio do símbolo da barata, apropriou-se do medo e do nojo desenterrados do fundo dela mesma e então... ela tenta matar a barata. “[...] levantei a mão como para um juramento, e num só golpe fechei a porta sobre o corpo meio emergido da barata.” (p. 52). Ela tentou acabar com tudo, usou os novos conteúdos surgidos como combustível para evitar de uma vez por todas aquela situação, evitar ter que ir mais fundo, evitar perder o que ainda lhe resta de dignidade, compostura e identidade. Mas, pobre ego, sua manobra não só não foi bem-sucedida, como também, na verdade, fez o contrário do pretendido. O feitiço se voltou contra o feiticeiro. A barata foi esmagada e G.H. sente um prazer enorme e inesperado com seu ato de violência. Tem-se de fato o começo de tudo. “Essa mulher calma que sempre fora, ela enlouquecera de prazer? Com os olhos ainda fechados eu tremia de júbilo. Ter matado - era tão maior que eu, era da altura daquele quarto indelimitado.” (p. 53)

G.H. consegue olhar de verdade a barata pela primeira vez, percebendo que ela ainda está viva e vendo nela olhos de noiva: ela e a barata estão prestes a se unirem irremediavelmente. Sua tentativa de matar a barata foi em vão. Tudo o que ela conseguiu foi manter a barata presa no armário, de forma que pudesse ser encarada mais de perto, observada em todos seus detalhes e imundices. G.H. vê olhos de noiva! Noivas, ao se casarem, se unem ao outro. Onde antes existia medo e repulsa, agora surge um princípio de união, união com o grotesco, união com tudo aquilo que até segundos atrás era absolutamente insuportável. G.H. foi forte e conseguiu começar a integrar sombra e consciência. E, a partir disso, abre-se a porta para todo um novo mundo de possibilidades. Se o quarto já era um território desconhecido antes, imaginem agora então, onde nem a própria G.H. pode se reconhecer, afinal, ela acabou de se tornar noiva de uma barata esmagada.

Entrar em contato com os conteúdos da sombra é parte inescapável do processo de individuação. É a partir da integração entre consciente e inconsciente que o ser humano caminha no sentido da totalidade psíquica. Quando há algum desequilíbrio na

psique, é buscada uma compensação. A barata aparece, aqui, como um símbolo e uma forma de compensação de polaridades. O símbolo, como tudo dentro da psique, tem um sentido, aponta para um caminho. “A barata é um ser feio e brilhante. A barata é pelo avesso. Não, não, ela mesma não tem lado direito nem avesso: ela é aquilo. O que nela é exposto é o que em mim eu escondo: de meu lado a ser exposto fiz o meu avesso ignorado.” (p. 76)

G.H. dá um passo a mais rumo ao avesso de si mesma, desveste mais uma camada de sua superficialidade cotidiana e abre-se nela o espaço para o outro que a habita. Se antes ela estava profundamente vinculada à sua persona, que também é um outro, a máscara de adaptação ao mundo, agora ela se desvencilha das amarras pessoais e coletivas que permeavam tão fortemente sua existência e se permite encarar o outro interno, que vivia escondido dentro dela. A sombra é uma das formas que o dinamismo inconsciente toma para interferir na vida psíquica e física.

É justamente isso o que começa a acontecer com G.H. nesse momento. Ela estava polarizada demais no mundinho que havia construído para si mesma e precisou de uma pequena interferência, que veio na forma de uma barata. Os olhos de noiva dessa barata indicam uma união. O choque sofrido por sua persona faz com que esta rache e, pelos espaços entreabertos, começam a entrar todos esses novos conteúdos. “É que eu olhara a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas.” (p. 56) No casamento com a barata, partes da barata passam também a ser de G.H., até que a morte as separe. Ela começa a perceber que as duas não são tão separadas quanto ela imaginava, mas partes de uma grande e única identidade profunda.

É interessante pensar que G.H. começa aqui a entrar em contato não apenas com aquele outro que compõe a sombra, que causa repulsa e raiva, mas também com o outro arquetípico, que é sedutor, a ponte para o inconsciente, para a terra que é de todos e de ninguém ao mesmo tempo, onde as leis da razão não existem e os limites são ilimitados. Stein (2006) chama esse outro de *anima/us*, relacionado à alteridade arquetípica. *Anima/us* faz conexão com o mundo interno, possibilitando a ligação com a identidade profunda, o *Self*. O outro arquetípico não gera nojo, mas irmandade, desejo de comunhão. Esse grande casamento com a barata, porém, não se dá assim tão de repente, isso é apenas o início, um primeiro enamoramento. Como em toda relação, há altos e baixos, morros a serem escalados e vales a serem superados. A chama, porém, já está acesa. O início de algo grande se aproxima de G.H.

Segura a minha mão, porque sinto que estou indo. Estou de novo indo para a mais primária vida divina, estou indo para um inferno de vida crua. Não me deixes ver porque estou perto de ver o núcleo da vida - e, através da barata que mesmo agora revejo, através dessa amostra de calmo horror vivo, tenho medo de que nesse núcleo eu não saiba mais o que é esperança. A barata é pura sedução. Cílios, cílios pestanejando que chamam. (p. 59)

Ao cruzar o olhar com a barata, ao olhá-la de fato pela primeira vez, G.H. sente-se caindo para dentro de si mesma, nadando em um lamaçal composto de uma lama viva e pulsante em meio à qual avista as mais profundas raízes de si mesma. Sente passagens abrindo-se dentro de si, como se fosse uma de suas esculturas rachando. Adeus à forma! Adeus ao pré-estabelecido! Adeus ao conhecido e previsível. G.H. está muito assustada! E como não estar? O que é isso que está sentindo? É como se estivesse ligada a uma fonte muito maior e mais antiga do que tudo aquilo que é entendido por humano. Adentrando no que ela chama de “a larga vida do silêncio”, G.H. sente-se encostando em algo que não pode ser acessado pelas palavras, algo que está tanto nela quanto na barata e no resto do mundo.

Ela descreve o que sente ao encarar a barata como uma sensação de estranheza profunda e cúmplice, como quando vê o próprio sangue fora de si: algo que está fora, mas que lhe pertence. G.H. se identifica com a barata esmagada. G.H. mergulha no desconhecido dentro de si mesma, entra ainda mais fundo na sua psique, percebendo que dentro de si há algo que independe dela mesma, uma fonte imensa e antiga. Ela tateia pelos canais abertos no contato com seu outro arquetípico e começa a perceber a psique como independente, tomando consciência de que não é senhora de si mesma, mas sim fortemente influenciada por tendências inconscientes sobre as quais não tem controle. Há então uma limitação do ego e grande integração entre consciente e inconsciente.

Ela encostou em uma camada da psique na qual não há palavras, não há tempo, não há espaço. Tudo se dá no aqui e no agora, a realidade é unitária, não há separação entre o dentro e o fora, a identidade não é algo que importa, mas algo que se dissolve. Essa experiência é similar àquilo que Whitmont (1991) descreve como dinâmica mágica. A consciência mágica regia a humanidade na época paleolítica, antes de qualquer tipo de civilização. Os anos e milênios foram passando e o mundo racional foi sendo conquistado pelo ego, mudando toda a forma de se ver e estar no mundo. Isso não quer dizer, no entanto, que essa camada mágica da psique tenha desaparecido. Ignorada e rechaçada pela mentalidade científica e racional, ela ainda existe viva nas profundezas de

todo ser humano. E G.H. adentra esses territórios desconhecidos. Ainda bem que ela lançou sua âncora e pediu que mantivéssemos sua mão segura na nossa durante o percurso, porque experienciar o mágico pode ser muito perigoso. É possível adentrá-lo e voltar mais forte, mas também é possível que ele se apodere por inteiro do sujeito, levando a um profundo alheamento da realidade.

O mundo havia reivindicado a sua própria realidade, e, como depois de uma catástrofe, a minha civilização acabara: eu era apenas um dado histórico. Tudo em mim fora reivindicado pelo começo dos tempos e pelo meu próprio começo. Eu passara a um primeiro plano primário, estava no silêncio dos ventos e na era de estanho e cobre - na era primeira da vida. (p. 68)

G.H. entra em contato com essa camada de si mesma, mas não mergulha de cabeça em todas essas experiências e sensações. Ela adentra tudo pé ante pé e reconhece que em alguns momentos cede à vontade de organizar a experiência, encaixá-la em moldes conhecidos. Mas isso não a impede de continuar. Ainda sente medo, mas ele agora já não é paralisante, esse medo já foi transformado e agora vem como agente da mudança, aliado da curiosidade, da vontade de ir mais além, e não do asco e do nojo. De pé diante do susto, ela se atreve a não entender, apesar dos esforços de sua mente racional no sentido oposto. Ela se atreve a viver a metamorfose de si mesma.

Vê, meu amor, vê como por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório sem logo querer organizar a esperança. É que por enquanto a metamorfose de mim em mim mesma não faz nenhum sentido. É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu - só tenho o que sou. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi. Não entendo e tenho medo de entender, o material do mundo me assusta, com os seus planetas e baratas. (p. 66)

O que está acontecendo? O que é isso em que ela está encostando? Como mergulhar ainda mais fundo? Esse estranhamento é típico do ego e da consciência. Se há uma palavra própria do ego e da consciência é “estranhamento”, eles estranham, estranham e estranham. Essa atitude crítica é, na verdade, importante para o desenvolvimento psíquico. É fundamental que os conteúdos inconscientes sejam assimilados a partir da consciência, e não apesar dela. A consciência é importante pois está nela a possibilidade de expressão do inconsciente. Esse estranhamento crítico, porém, também pode ser uma barreira, um tampar de olhos e sentidos, um freio que impede o mergulho em profundidades maiores.

Não é o que acontece com G.H., ela não é freada, muito pelo contrário. Ela percebe que há algo diferente e quer saber mais, ir mais fundo. Percebe que, para conseguir mergulhar no desconhecido, precisa desatar os laços que a ligam à lei e à ordem, desvestir a antiga persona e afrouxar os juízos egóicos. O que não significa jogar seu ego e consciência fora! Ela ainda está com suas mãos firmes entre as nossas. Um ego bem estruturado é fundamental para a progressão da consciência. Ela afrouxa os juízos, mas não os desaparefusa por completo, senão não seria capaz de estar agora narrando sua experiência.

Os olhos da barata são portas para a entrada real de G.H. no quarto: ela se sente pisando de verdade e por inteira no território estrangeiro. Deixa de ser “eu” e passa a ser “ela”, se despindo de tudo o que entendia por si mesma e se abrindo para o outro arquetípico. Ela é completamente seduzida pela barata, se identifica com o inseto como forma de chegar ao fundo de si mesma, chegando à vida pura e crua, como se achasse água no deserto. Ela está descobrindo a própria potência, indo ao encontro da umidade perdida de sua psique criativa. Ela percebe que “O deserto tem uma umidade que é preciso encontrar de novo”. (p. 109). Dentro de si mesma está tudo de que ela precisa para se reconstruir, para explodir em pura vida.

G.H. chega ao nada, ao irreduzível, à essência: ao núcleo da vida, que transcende as palavras escritas. “Foi assim que fui dando os primeiros passos no nada. Meus primeiros passos hesitantes em direção à vida, e abandonando a minha vida. O pé pisou no ar, e entrei no paraíso ou no inferno: no núcleo.” (p. 80) Ela precisa se sentir virando a barata para enfim acessar o inacessível. Esse núcleo da vida ao qual G.H. sente chegar pode ser também um vislumbre da potencialidade arquetípica do *Self*. Este é o mais impessoal de todos os arquétipos, sendo transcendente até mesmo à psique. É o núcleo que pulsa e manda sangue e vida para tudo que compõe o humano e suas experiências. Comportando-se como um organismo autogestor da psique, o *Self* mantém o sistema psíquico unido e equilibrado. O *Self*, que G.H. percebe como sua “[...] própria vida vigilante se vivendo.” (p. 89)

O contato com a potencialidade do *Self* tem o poder de fazer G.H. se sentir aberta para o mundo e para si mesma, integrada a um todo muito maior do que tudo que ela imaginava possível. Sente-se ligada a tudo o que existe, entrando em contato com algo que transcende ela própria e saindo das polaridades que constituem o mundo consciente da racionalidade, se inserindo em um todo integrado, se tornando pura potência. Ao se perceber unida a algo muito maior do que ela própria, ela capta a sensação interna de

unidade e coesão. O arquétipo do *Self* pode aqui ser pensado não só como um organizador da psique, mas de todo o livro. É a sua energia pulsante que dá vida a cada uma das páginas da história, tornando a experiência de leitura viva e mobilizadora.

Cá entre nós, provavelmente foi o próprio *Self* quem mandou a barata. Ele é o organismo autogestor da psique, aquele que manda símbolos compensatórios para evitar a fragmentação do sistema psíquico. Parece que o inconsciente de G.H., regido por seu *Self*, materializou no armário a tão terrível barata, buscando o devido equilíbrio psíquico entre o que G.H. aceita e o que reprime em si mesma.

A essa altura, pode parecer que G.H. já fez tudo o que precisava ser feito. Já se aventurou o bastante nos mares do inconsciente, já teve um trabalho enorme para se desvestir de sua persona e ampliar sua consciência. Mas a jornada continua. O confronto com a sombra é algo que, enquanto seres humanos, carregamos conosco por toda a vida. Assim como a persona e a consciência de si podem ser ampliadas e transformadas, a sombra também está em movimento, ela também muda. Sempre há algo a mais para integrar. Além disso, enquanto símbolo, a barata é inesgotável. É inerente à psique a tendência para se desenvolver, estar em movimento. O processo no qual G.H. se envolveu não tem volta e não tem fim, estará correndo em suas veias por toda a vida, afinal, como coloca Verena Kast (1994), o símbolo é portador do desenvolvimento criativo, e os frutos do criar são para a eternidade.

Não posso! não quero saber de que é feito aquilo que até agora eu chamaria de “o nada!”, não quero sentir diretamente na minha boca tão delicada o sal dos olhos da barata, porque eu me habituei ao encharcado das camadas e não à simples umidade da coisa.

Foi pensando no sal dos olhos da barata que, num suspiro de quem vai ser obrigado a ceder mais um passo, percebi que ainda estava usando a antiga beleza humana: sal.

Também a beleza do sal e a beleza das lágrimas eu teria de abandonar. Também isso, pois o que eu estava vendo era ainda anterior ao humano. (p. 83)

Seguimos então na jornada de G.H., que cede cada vez mais ao inevitável, ao profundo mergulho em si mesma. Da barata esmagada, presa sob a porta do armário, começa a sair uma massa branca: seu conteúdo interno está vazando pouco a pouco, se esvaindo. G.H. sente seu ego se dissolvendo ainda mais. Essa dissolução vai se dando ao longo de todo o livro, em camadas, como se a cada página ela estivesse se despindo de uma peça de suas roupas. Sente que está indo tão fundo dentro de si, que continua se aproximando daquele algo que é muito maior que ela mesma, como se encostasse no contorno de mulher desenhado a carvão na parede, ficando nua e sem sombra.

[...] sem sequer poder me impedir, sem querer mais me impedir, fascinada pela certeza do imã que me atraía, eu recuava dentro de mim até a parede onde eu me incrustava no desenho da mulher. Eu recuara até a medula de meus ossos, meu último reduto. Onde, na parede, eu estava tão nua que não fazia sombra. (p. 63)

Ir ao fundo de si mesma aparece aqui como livrar-se de toda a individualidade, chegando naquilo que é mais impessoal. Continua no processo de jogar fora tudo o que até então entendia por si própria para conseguir chegar à essência da vida que a habita, desnudando inclusive a própria sombra. Sempre há, porém, resquícios de seu antigo eu a serem desmanchados. Sempre há mais uma camada na cebola, sempre é possível ir mais fundo. Tanto ela quanto a barata se esvaem de si mesmas, se esvaziam. O que é dentro e o que é fora se confundem. A barata serviu como passagem para um mundo no qual não há tempo linear, é impossível organizar o que aconteceu ali, o raciocínio humano não dá conta de apreender toda essa experiência.

Eu queria pedir socorro contra a minha primeira desumanização. A desumanização é tão dolorosa como perder tudo. Eu abria e fechava a boca, para pedir socorro mas não podia nem sabia articular. É que eu não tinha mais o que articular. Minha agonia era como a de querer falar antes de morrer. Eu sabia que estava me despedindo para sempre de alguma coisa, alguma coisa ia morrer, e eu queria articular a palavra que pelo menos resumisse aquilo que morria. (p. 73)

G.H. começa a refletir, e aqui o ego mostra seu papel fundamental em todo o processo. Ela reflete com sua consciência e, ao refletir, integra e elabora tudo o que está acontecendo. Ao olhar para sua experiência de forma crítica e reflexiva, se engaja em um exercício poderoso de integrar à consciência seus aspectos mais sombrios e desconhecidos. Dá-se aqui um processo de elaboração simbólica, pois, operando através da consciência e contando com um ego disposto a se envolver nesse processo todo, ela analisa a fundo seu encontro com a barata e os efeitos desse encontro sobre ela mesma. Ela sente que está perdendo seus contornos humanos e essa percepção chega à sua consciência. Ela também sabe que algo nela resiste, tentando articular alguma palavra para resumir aquilo que morria, para reassumir o controle.

G.H. percebe que ainda não é ela mesma, que ainda há muitos aspectos de sua identidade que estavam submersos e que ela se negava a aceitar. Sim! Ela já mudou muito, já integrou muito da barata, já inclusive noivou-se do inseto e tornou-se capaz de vê-lo com algo precioso. “Vista de perto, a barata é um objeto de grande luxo. Uma noiva de pretas joias. É toda rara, parece um único exemplar.” (p. 70). Mas sua percepção de integridade ainda estava incompleta, alguns aspectos permaneciam

excluídos e partes dela ainda resistiam a abandonar suas antigas organizações. Ela enfim percebe a palavra que estava tentando articular: socorro. Um pedido de socorro, uma última tentativa de voltar à superfície.

Afinal consegui pelo menos articular um pensamento: “estou pedindo socorro. Ocorreu-me que eu não tinha contra o que pedir socorro. Eu não tinha nada a pedir. De repente era isso. Eu estava entendendo que “pedir” eram ainda os últimos restos de um mundo apelável que, mais e mais, se estava tornando remoto. E se eu continuava a querer pedir era para ainda me agarrar aos últimos restos de minha civilização antiga, agarrar-me para não me deixar arrastar para o que agora me reivindicava. E ao quê - num gozo sem esperança - eu já cedia, ah eu já queria ceder - ter experimentado já era o começo de um inferno de querer, querer, querer... A minha vontade de querer era mais forte do que minha vontade de salvação? (p. 74)

Sim! A vontade de querer dela era mais forte do que a de salvação. Ela percebe, a partir de sua reflexão, que é possível ir mais além. Ela percebe que quer, ela quer!, ir mais além. G.H. sente que volta então a uma existência primeira, onde tudo é neutro e reina o silêncio daquilo que é maior que o humano. O neutro não compreende noções de bem e mal, certo e errado. As noções de polaridade não fazem sentido. A cada vez que ela entra em contato com esse neutro que é a raiz de tudo, que carrega consigo toda a força arquetípica da potencialidade do *Self*, ela é capaz de ir mais além, de sentir em todo o seu ser a essência do neutro, esse neutro que de tão neutro também é prazeroso e violento, em uma eterna dança dos opostos. É paradoxal, mas ela aceita, aceita porque entende que nesse espaço as leis humanas não se aplicam.

Agora tenho uma moral que prescinde da beleza. Terei que dar com saudade adeus à beleza. Beleza me era um engodo suave, era o modo como eu, fraca e respeitosa, enfeitava a coisa para poder tolerar-lhe o núcleo.

Mas agora meu mundo é o da coisa que antes eu chamava feia ou monótona - e que já não me é feia nem monótona. Passei pelo a roer a terra e pelo comer o chão, e passei a ter orgia nisso, e por sentir horror moral que a terra roída por mim também sentia prazer. Minha orgia na verdade vinha de meu puritanismo: o prazer me ofendia, e da ofensa eu fazia prazer maior. No entanto este meu mundo de agora, eu antes o teria chamado de violento

Porque é violenta a ausência de gosto da água, é violenta a ausência de cor de um vidro. Uma violência que é tão mais violenta porque é neutra. (p. 157)

Inundada por uma força maior do que ela mesma, sente que de fato toca o que é imundo, sujando-se. É como se tivesse mordido a maçã proibida, cometendo o derradeiro pecado inicial. Deixando-se sujar por inteira por aquilo que encontra de mais sujo, dá um passo a mais em seu processo de desumanização, sentindo algo morrendo dentro de si. O mundo que sempre conheceu se dissolve ainda mais e ela adentra o que chama de mundo primário, onde não há para quem pedir socorro. O mundo ao qual podia fazer apelos já não existe, já não lhe pertence. Ainda há partes dela que resistem a essa dissolução, a esse abandono de tudo o que é seguro e conhecido, mas, pouco a pouco, ela vai se rendendo, se entregando a um processo de transformação e renascimento.

A dinâmica mágica do inconsciente vai se infiltrando mais e mais em G.H., que se deixa permear. Seu ego se mostra fortalecido o suficiente para elaborar as mensagens enviadas pelo inconsciente. Assim como fênix se desfaz em cinzas antes de renascer, G.H. precisa se aproximar da barata, do sujo, do imundo, do asqueroso. Enquanto a barata perde seu próprio conteúdo, sua massa branca, G.H. se despe de suas camadas de máscara, uma a uma, desfazendo-se da imagem construída de si mesma. Se até então na vida ela fora definida pelo olhar alheio, jamais ultrapassando a superfície, agora precisa jogar tudo isso fora e olhar de verdade para o que existe dentro e fora de si. Caem todos os artifícios que faziam com que ela olhasse somente para aquilo que lhe era confortável. Ela vê então a barata em sua integridade.

Ao longo da narrativa, ela vê e revê a barata vezes e vezes sem fim, a cada vez agregando algo a esse olhar. O processo é longo e doloroso. Todo o seu relato é construído desta forma: ela tira uma máscara, amplia sua consciência, percebe que dentro dela há muito mais do que imaginava e então, conseguindo ver mais para além no horizonte, se desfaz de outra máscara, adentra mais uma camada e o processo se repete. Se repete, se repete e se repete. É infundável. O infinito é, por definição, inesgotável. E tudo isso acontece no instante, no momento que não é nem passado nem futuro, mas um eterno agora.

G.H. se descreve como à beira de um limiar. Se ousar ultrapassá-lo, sabe que talvez nunca mais possa retornar à sua vida comum. Se ultrapassá-lo, não haverá absolutamente nenhuma diferença entre ela e a barata, e isso é assustador. G.H. cruza o limiar. G.H. adentra mais profundamente ainda no nada, no núcleo da vida. Ela entra em contato com uma coisa. Sim, “coisa” é exatamente a palavra que ela usa. Diz não saber o nome daquilo a que se refere, é algo sem qualidades nem atributos, que não tem nome porque foge do domínio das palavras. Ela sente que está se libertando de suas noções de

moralidade, não há certo e errado, bem e mal. Há o inexpressivo, um espaço entre as unidades da matéria. Ela está mergulhada na respiração contínua do mundo, no grande Silêncio. Tira ainda mais uma camada de seus atributos pessoais e segue com o que é mais cru: as entranhas. Para perceber a neutralidade viva do mundo, é preciso abandonar toda e qualquer organização humana.

G.H. avança um pouco rumo ao interior de si mesma e volta. Avança e volta. Mas nunca volta para o mesmo ponto em que estava antes, isso seria impossível. Isso é importante, porque senão ela seria tragada por toda a potência arquetípica com a qual entra em contato. É como se a cada passo em direção ao fundo do mar ela parasse um pouco para se certificar de que ainda lembra como nadar. Ela absorve um pouco mais da realidade da barata e a integra a si mesma. Saboreia um pouco sua personalidade transformada e percebe que pode continuar indo além.

Esse processo todo não se dá tranquilamente. G.H. se depara com o que há de mais covarde em si mesma. Tem medo de se abandonar e se dissolver, e é justamente esse medo intenso que desperta nela uma força oposta: o amor pela vida crua. A covardia é outra característica que até então estava em sua sombra. G.H. se percebe como covarde e o oposto da covardia, no eterno jogo de opostos que constitui a dinâmica psíquica, surge com força e ela sente amor, amor pela vida crua. E esse amor pela vida crua surge agora porque G.H. está, neste momento, pronta para senti-lo, ela está forte o bastante para amar o cru. A G.H. lá do comecinho da história provavelmente não seria capaz disso.

A relação que ela está começando a estabelecer com o mundo se dá através do sentir, e não do pensar. A dinâmica mágica que rege as camadas profundas do inconsciente, mantida aprisionada nas profundezas das trevas pela maioria das pessoas hoje em dia, é resgatada por G.H. de forma construtiva. Ela vai aos poucos sendo capaz de se organizar a partir desse modo de apreensão do mundo, que não privilegia o pensar sobre o sentir. Mais uma vez, ela coloca como as palavras, tão carregadas de humanidades, são incapazes de traduzir a experiência de contato com a neutralidade viva do nada. Mesmo assim, ela segue tentando descrever o que se lhe passou. Renascida, prova o mundo como essência, sem os valores, sentimentos e associações que antes se interpunham. Já passa a sentir o quarto com maior familiaridade: ela também é parte do cenário estrangeiro. De G.H., ficam mesmo apenas as iniciais, vazias como o contorno da mulher na parede.

Sentindo um cansaço enorme, ela se deita na pequena cama do quarto e dorme,

“[...] como uma barata que adormece à superfície de cal de uma parede.” (p. 103). Toda guerreira precisa de um descanso. O sono é restaurador, fortalece o corpo e a mente. A parte consciente da psique dá uma trégua e G.H. pode tranquilamente absorver toda sua experiência, vivendo intimamente com a nova ela mesma enquanto dorme. Quando acorda, vai até à janela e vê um grande e antigo deserto, com uma linda região de lagos ao longe. Apenas ela está viva, todos ao seu redor morreram há milênios. O ano é 2000 a.C.: o presente se presentifica no passado mais remoto. Soltando as rédeas da imaginação, começa a elaborar planos para, a partir do deserto, recriar o mundo do zero. Primeiro precisa arrumar uma forma de encontrar a umidade perdida. Para isso pode plantar eucaliptos nas dunas, e despejar sal para plantar arroz. Essas informações sobre eucaliptos e sal para o arroz ela resgata das leituras que costumava fazer na cama antes de dormir.

Para a Psicologia Analítica, a psique é criativa e o inconsciente está sempre buscando um caminho para entrar em contato. O objetivo do trabalho com a alma humana, segundo o próprio Jung (1929, apud KAST, 1994), é buscar um estado psíquico em que a pessoa possa fazer experiências com o seu ser, alcançando um estado de vir-a-ser e de fluidez em que nada mais é definitivo, irremediável ou petrificado. G.H., transformada, vê possibilidades de plantar no deserto. As rachaduras em sua antiga eu, em sua máscara que era um deserto com nada além de aridez, criaram as condições e o espaço para lagos e plantações. Os lagos são vistos ao longe, mas podem ser alcançados quando se aprofunda a visão. As plantações são planos para o futuro, mas são possíveis, são imagens criadas pela fertilidade da alma, que tem agora espaço para se expandir.

Mais uma vez, G.H. sente que, por mais camadas de si mesma que ela tenha jogado fora, ainda há resquícios de sua antiga vida. Ainda é possível mergulhar mais fundo. Sempre é. G.H. percebe que estava imersa em uma meditação visual e volta a direcionar o olhar para o interior do quarto. Volta a olhar para a barata.

A barata, esse ser que existe desde os primórdios do tempo, imutável. G.H. se permite um pensamento: a barata é um crustáceo, assim como a lagosta. Lagostas são comíveis, então baratas também o são. Ao se permitir tal pensamento, ela pouco a pouco entra no inferno, sentindo uma mescla de dor e prazer intensos e simultâneos. Dá mais um passo em direção à sua perda de contorno humano. Nada mais a delimita, vive o que chama de alma impessoal. “Sou mais aquilo que em mim não é.” (p. 123). Buscando viver sua própria remotidão, larga a mão que segurava desde o início do relato. Ela agora precisa seguir sozinha, mas promete voltar.

Encontra-se na fonte da vida mais pura, a vida que move a barata, esse ser milenar. A vida da barata é instintual e já é em si mesma, não buscando ser nada além disso. G.H. descobre o amor neutro, que é a sua identidade mais última, algo cujos sinais já existiam em seu eu antigo, mas eram ignorados. Isso com o que entra em contato não é assimilável em termos humanos, é algo que ela sente, mas não tem palavras sequer para fazer perguntas sobre essa sensação. É como uma pessoa cega que cresceu rodeada por pessoas também cegas. Essa pessoa não sabe o que é a visão, não sabe sequer que existe ver e fica parada, quieta, sem saber fazer perguntas sobre o que não sabe que existe, mas sentindo falta desse algo que deveria ser seu.

A “coisa” na qual submerge é neutra, tediosa, monótona, atonal. Essas são as qualidades da carne, daquilo que simplesmente é em si mesmo. A G.H. antiga, em seu papel de escultora, manipulava o neutro infinito em uma busca incessante por lhe dar forma e cor, mas isso fora em vão, pois por mais que se tente manipular o infinito e deixá-lo mais perto de algo que se pode compreender, ele continua ali, inabalável, podendo ser acessado somente por aqueles que se despiram de toda e qualquer aspiração humana.

Será que isso tudo é de fato a expressão daquilo que G.H. viveu ou ela está, mesmo que sem perceber, tentando enquadrar em palavras o inexplicável e intraduzível, transformando-o em algo que não chega nem perto da verdade? Ela se faz continuamente esse questionamento, colocando em questão a veracidade de seu próprio relato. O que viveu é impossível de traduzir, suas palavras são apenas uma tentativa desesperada de tentar assimilar sua experiência. Ao mesmo tempo, teme que esse processo de desumanização primária pelo qual passou, que a colocou em contato com a verdade, com a vida em seu plasma, a impeça de voltar a vestir suas construções humanas. Ela teme ser incapaz de voltar à vida diária, mesmo sabendo que cedo ou tarde terá que fazê-lo, terá que sair do quarto e levar consigo o mergulho pelos olhos da barata. Ela comeu do fruto proibido e terá que arcar com as consequências.

Ela admite então que durante todo o tempo até aqui descrito, continuava a olhar para a barata com nojo. A barata partida ao meio. A barata com sua massa branca gosmenta escorrendo para fora. G.H. percebe que, enquanto não superar esse nojo, ainda estará negando a matéria cuja existência descobrira também dentro de si mesma. Uma ideia vai se formando em sua cabeça. Ela já sabe qual deve ser o próximo passo a ser tomado, mas precisa da coragem para admiti-lo para si mesma. Para um ato final de entrega absoluta, ela percebe que precisa botar na boca a matéria branca da barata. “É

que a redenção devia ser na própria coisa. E a redenção na própria coisa seria eu botar na boca a massa branca da barata.” (p. 164)

Após ser tomada por essa ideia, levanta-se com a determinação de uma verdadeira assassina de si mesma e avança. Tem um forte vertigem, perde a consciência por alguns instantes. Ela perde a consciência, perde totalmente o controle, seu ego não estava preparado para a violência que vem junto à ideia de comer a barata. Ela é completamente tomada, inundada, esse conteúdo emerge e a domina. Ao voltar a si mesma, percebe que foi em seu momento de ausência que, como uma sonâmbula, levou a massa da barata à boca. G.H. começa a cuspir violentamente, tentando se livrar dos resquícios de seu ato asqueroso. Sente que, ao cuspir, tentando expulsar os restos da barata de sua boca, está renegando a si mesma. “Eu cuspia a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda.” (p. 167).

Ela sequer teve coragem o bastante para conscientemente levar a massa da barata à boca. Falhou ao tentar cumprir seu último grande ato de entrega. Ou não. Ou não! Percebe que, na verdade, não precisava ter tido a coragem de estar presente no momento de comer a barata. O sentido de “ato máximo” que ela havia dado ao movimento de comer a barata não fazia sentido nenhum! “Entendi que eu já havia feito o equivalente de viver a massa da barata - pois a lei é que eu viva com a matéria de uma pessoa e não de uma barata.” (p. 169). A própria ideia de comer a barata era fruto de uma racionalização desnecessária, um acréscimo que faria com que ela, como mártir, se elevasse aos seus próprios olhos, redimindo-a de todos os impulsos e desejos que vinha despertando dentro de si. Comendo a barata ela escaparia do nada com o qual havia entrado em contato, seria uma tentativa de preencher. É mais fácil acrescentar do que amar o vazio.

Não. Eu não precisava ter tido a coragem de comer a massa da barata. Pois me faltava a humildade dos santos: eu havia dado ao ato de comê-la um sentido de “máximo”. [...] Entendi que, botando na minha boca a massa da barata, eu não estava me despojando como os santos se despojam, mas estava de novo querendo o acréscimo. O acréscimo é mais fácil de amar. (p. 169)

Além disso, ela está ancorada na realidade, lembram-se disso? Ela não é uma barata. Ela é uma mulher humana e deve assumir isso, não há como escapar. Uma mulher humana transformada e muito maior do que sequer imaginou que pudesse ser, mas os sofrimentos e alegrias que vêm junto com a condição humana são algo que faz parte da vida e, nesse sentido, se igualar à barata por completo seria fugir. G.H. é diferente de Gregor Samsa, personagem de Franz Kafka que é de tal forma tomado por

tudo aquilo que ignorava em si mesmo que chega de fato a virar um inseto. G.H. é uma mulher humana, com partes de barata, sim, mas uma mulher humana.

A vida é dividida em qualidades e espécies, e a lei é que a barata só será amada e comida por outra barata; e que uma mulher, na hora do amor por um homem, essa mulher está vivendo a sua própria espécie. Entendi que já havia feito o equivalente de viver a massa da barata - pois a lei é que eu viva com a matéria de uma pessoa e não de uma barata. (p. 169)

Com esse novo entendimento, G.H. sente imensa alegria, fica imersa em um estado de graça por se saber viva e pulsando. Ela sabe que este estado durará pouco, algo que se dá num átimo de instante, causando profundo arrebatamento e depois indo embora. A este estado ela chama paixão. Ela se deixa ser, chegando ainda mais perto da fonte da vida, que é a máxima despersonalização, através da qual é possível se reconhecer sob qualquer disfarce. “Estar vivo é uma grossa indiferença radiante. Estar vivo é inatingível pela mais fina sensibilidade.” (p. 171).

G.H. se sente envolvida por uma doçura delicada e então confia. Não sabe em que nem em quem, mas confia. E como, a essa altura, não confiar? Ela entrou em contato com a energia viva do *Self*, que é o arquétipo dos arquétipos. Toda a psique, dentro da teoria junguiana, funciona orientada em direção a um sentido, cada respiro tem uma finalidade. G.H. sabe, no mais profundo do seu ser, sabe com sua alma, que há algo imenso dentro dela, algo que cria símbolos profundamente arrebatadores, algo que ela nem em sonhos poderia controlar. Algo que não permite que ela desperdice sua vida congelada dentro de uma pessoa estéril, restrita a um campo de consciência limitante. Ela confia. Reconhece que agora sabe da existência de suas raízes mais profundas, mas jamais chegará a de fato alcançar tal profundidade.

Comer a barata não foi um ato grandioso, foi um ato ínfimo. Caem as tentativas de atribuir heroicismo a si mesma, o heróico não passa de mais uma das construções da sensibilidade humana. Ela se entrega com confiança ao desconhecido, ao inumano, ao outro que há em si mesma. Sente-se expandida. “Eu estava tão maior que já não me via mais.” (p. 179). Ela diz que não está entendendo nada do que escreve e que jamais entenderá, pois a palavra é insuficiente e mentirosa. Não entende, mas sente: “A vida me é”. Não entende, mas afirma: “A vida me é.” Não entende, mas adora: “A vida me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro.” (p. 179).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa releitura de *A paixão segundo G.H.* fica evidente como os conceitos da Psicologia Analítica podem ser amplamente relacionados à escrita de Clarice Lispector. Vemos uma personagem que entra em contato com a ideia de totalidade e com o outro que habita ela mesma. *Persona*, *sombra*, *anima/us* e *Self*, estão todos dentro dela, que os percebe ao seu próprio modo, tocando na infinitude da alma humana. É a partir do encontro com a barata que a personagem embarca nessa jornada de autoconhecimento e ampliação da consciência, primeiro sentindo nojo e incômodo, para aos poucos ir entendendo tudo isso como partes inseparáveis dela mesma.

A barata, enquanto símbolo, mobiliza intensamente as forças internas de G.H., colocando-a frente a frente com os aspectos submersos de sua psique. Ao longo da obra, ela integra à ideia que tem de totalidade mais e mais elementos, como um balão que se enche de ar, aumentando seus pontos de contato com o mundo ao redor e abrindo mais espaço interno. Ela percebe a unidade dos contrários e passa então por uma intensa transformação, desfazendo-se de camadas e camadas de sua *persona* antiga, integrando a ela aspectos de sua *sombra* e liberando os canais de acesso ao seu inconsciente ao estabelecer também um diálogo com o arquétipo da alteridade, *Anima/us*, grande guardião dos terrenos inconscientes. Ela também entra em contato com a vida pulsante e autogestora do *Self* e confia, confia na vida e confia em si mesma, percebendo que se desfazer de todos os limites é impossível, afinal, ela ainda é humana e experimentar o mundo enquanto humana pode ser uma experiência bonita de se viver. Ela agora está preparada para viver sua vida com maior potencial criativo, ela sabe da existência das raízes profundas que vão até o âmago de seu ser, ela sabe que *personas* podem rachar e que o inesperado pode surgir. Ela sabe, ela confia.

A individuação continua então seu caminho, impelindo-a cada vez mais à percepção consciente da psique enquanto dinâmica integrada em um processo que se dá continuamente. G.H. provavelmente ainda terá muitas baratas para encarar pela frente, mas das próximas vezes o terreno fértil já estará úmido e arado, preparado para o brotar das mais exóticas flores. É provável que, a partir do encontro com a barata, suas esculturas saiam de forma totalmente diferente de antes. Moldadas por muito mais do que duas mãos que enquadram a matéria, pois agora a artista que as produz arde em potência de vida, expressando em sua arte aquilo que chega através dos canais já mais desconstruídos que a conectam ao seu mundo interno.

E não são apenas as esculturas que saem diferentes. Os leitores também. Como G.H. promete no início da obra, ela conduz os leitores ao encontro com eles mesmos. Imaginem se

todos no mundo fossem capazes de noivar baratas? Se todos percebessem que não há bem e mal absolutos, que o que nos provoca nojo provavelmente também tem raízes dentro de nós mesmos? Em tempos em que reinam as polaridades, em que tudo o que desagrade é projetado sobre os outros, dissemina-se a violência. A empatia necessária à construção de um mundo mais justo escapa à maioria das pessoas.

É justamente na arte, em obras como a de Clarice Lispector, em jornadas como a de G.H., que encontramos o terreno mais fértil para as experimentações, para permitir-nos explorar nossa própria sombra. G.H. não sai por aí matando a torto e a direito todas as baratas que encontra pela frente. Ela olha a fundo para aquilo que despreza, não se deixando tomar de forma destruidora pelas sensações ruins que a barata lhe causa. Por mais dolorosa que tenha sido sua jornada, ela atravessa de cabeça alta os desertos abrasadores de si mesma e consegue transformar sua percepção sobre si, ampliando também sua percepção sobre o mundo que a cerca, que não é tão diferente daquele que a habita. E ainda faz isso com humildade, pois ela percebe que nada disso passa da ponta do *iceberg*, sempre é possível agregar mais e mais à sua consciência, afinal, seu interior não tem limites, é infinito.

Eu, como autora deste trabalho, desejo de coração que as sementes lançadas por Clarice Lispector encontrem terra fértil no maior número de pessoas possível. Pode parecer ingênuo de minha parte, mas eu acredito que esse é o caminho mais efetivo para que vivamos uma vida melhor em um mundo melhor. Eu acredito nas baratas.

## REFERÊNCIAS

HUMBERT, Elie G. **Jung**. São Paulo: Summus, 1985.

KAST, Verena. **A dinâmica dos símbolos**. São Paulo: Loyola, 1997.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

**Panorama com Clarice Lispector**. São Paulo: TV Cultura, 1 de fevereiro, 1977. Programa de TV.

PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia**. Tese (Doutorado em Psicologia), PUC São Paulo. São Paulo. 2009.

STEIN, Murray. **Jung: O mapa da alma**. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WHITMONT, Edward. **O retorno da deusa**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1982.